

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia Bacharelado

DÉBORA HALLER DA SILVA GREGÓRIO



**AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO BAIRRO SANTOS
REIS EM ALFENAS-MG SOB A PERSPECTIVA DOS
MORADORES**

Unifal
Universidade Federal de Alfenas

Alfenas - MG

2024

DÉBORA HALLER DA SILVA GREGÓRIO

**AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO BAIRRO SANTOS
REIS EM ALFENAS-MG SOB A PERSPECTIVA DOS
MORADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em
Geografia pelo Instituto de Ciências da
Natureza da Universidade Federal de
Alfenas- MG, sob orientação do Prof. Dr.
Evânio dos Santos Branquinho

Alfenas – MG
2024

Banca Examinadora

Titulação, nome completo e instituição do Orientador

Titulação, nome completo e instituição do Avaliador 01

Titulação, nome completo e instituição do Avaliador 02

Alfenas (MG), __/__/____

Resultado

Epígrafe

O sucesso é ir de fracasso em fracasso sem desistir de conseguir.

Agradecimentos

A escrita desse agradecimento é resultado da grande e difícil batalha que consegui vencer. Além da motivação pessoal, tive o incentivo de pessoas que acreditaram e tentaram me ajudar de alguma forma. Gostaria de agradecer ao Gustavo Marinho, que se prontificou a me ajudar diversas vezes, ao professor Evânio que foi paciente e me ajudou incansavelmente durante a pesquisa, me respeitando como pesquisadora e ser humano, a psicóloga Fabiana que estimulou a minha busca por autoconhecimento, a minha mãe e as minhas irmãs que ansiavam por esse momento, aos meus amigos Karina Lopes, Natan Mello e Beatriz Santos que são inspirações de como podemos superar medos e dificuldades, a Joana Dias que me mostrou que devemos fazer o que amamos, ao Deivison que foi minha dupla em diversos momentos, aos meus colegas de turma que tornaram as experiências de campo mais alegres e a todos professores do Curso de Geografia que me deram essa oportunidade. Obrigada também a instituição Unifal-MG, por cada funcionário que trabalhou para oferecer um ambiente seguro, limpo, confortável e acolhedor durante todo período que permaneci. E por fim, agradeço aos entrevistados que enriqueceram essa pesquisa com suas narrativas. Quero que vocês saibam que cada um de vocês fizeram a diferença na minha vida e fazem parte da realização de um sonho. Muito obrigada!

Resumo

Os bairros são unidades de análises fundamentais para o planejamento urbano e a gestão municipal, sendo evidente que quando não estão inseridos na malha urbana, estão sujeitos a isenção de investimento e infraestrutura. Essa seria uma justificativa plausível se não fosse o caso do bairro Santos Reis, formado no início do século XX em Alfenas-MG, que mesmo após ser considerado como parte da cidade em 1950, continuou enfrentando essa segregação socioespacial por cerca de duas décadas. Desta forma, o que motivou este estudo foi à possibilidade de compreender como as disparidades na evolução urbana de Alfenas afetou as condições de vida dos moradores do bairro Santos Reis ao longo dos anos. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foi utilizada a metodologia bola de neve. Esse método foi necessário, porque as informações necessárias estariam armazenadas na memória dos moradores mais antigos, portanto se trata de um grupo específico de difícil acesso. Os principais resultados demonstram que apesar das adversidades, a população do bairro soube enfrentar a problemática social e a ausência de infraestrutura, mostrando-se resiliente ao desenvolver a identidade cultural e tradicional da Folia de Reis, que perdura até os dias atuais. Apesar de reconhecerem que as melhorias do bairro trouxeram mudanças positivas de grande magnitude, os moradores esperam que o bairro continue melhorando constantemente.

Palavra-chave: Bairro; Memória urbana; Segregação socioespacial; Urbanização.

Resumen

Los barrios son unidades de análisis fundamentales para la planificación urbana y la gestión municipal, siendo evidente que, cuando no están insertados en la trama urbana, están sujetos a la falta de inversión e infraestructura. Esta sería una justificación plausible si no fuera por el caso del barrio Santos Reis, formado a principios del siglo XX en Alfenas-MG, que, incluso después de ser considerado parte de la ciudad en 1950, continuó enfrentando esta segregación socioespacial durante unas dos décadas. De esta forma, lo que motivó este estudio fue la posibilidad de comprender cómo las disparidades en la evolución urbana de Alfenas afectaron las condiciones de vida de los residentes del barrio Santos Reis a lo largo de los años. Para ello, se utilizó la metodología bola de nieve. Este método fue necesario porque la información requerida estaba almacenada en la memoria de los residentes más antiguos, siendo por lo tanto un grupo específico de difícil acceso. Los principales resultados demuestran que, a pesar de las adversidades, la población del barrio supo enfrentar la problemática social y la falta de infraestructura, mostrando resiliencia al desarrollar la identidad cultural y tradicional de la Folia de Reis, que perdura hasta hoy. Aunque reconocen que las mejoras en el barrio han traído cambios positivos de gran magnitud, los residentes esperan que el barrio continúe mejorando constantemente.

Palabra-clave: Barrio; Memoria urbana; Segregación socioespacial; Urbanización

Lista de ilustrações

Figura 01 – Mapa de localização do bairro Santos Reis da cidade de Alfenas-MG	14
Figura 02 – Pessoas secando o café, que era cultivado nos quintais das casas	19
Tabela 01 – Atividades agropecuárias nas propriedades rurais de Alfenas (1855-1890)...	21
Figura 03 – Ferrovia em Gaspar Lopes, desativada em 1960	22
Figura 04 – Evolução urbana de Alfenas, a partir do final do século XIX	23
Figura 05 – Mapeamento de novos loteamentos de Alfenas-MG	26
Figura 06 – Casas de pau-a-pique e barro no Santos Reis	35
Figura 07 – Ocupação do bairro Santos Reis anterior à década de 1970	37
Figura 08 – Adensamento na zona periférica de Alfenas	38
Figura 09 – Capela Santos Reis na década de 1960	42
Figura 10 – Igreja Santos Reis atualmente	42
Figura 11 – Área de lazer (Parquinho)	46
Figura 12 – Mina d'água Santos Reis	46
Figura 13 – Via pavimentada entre o Santos Reis e o Residencial Floresta	47
Figura 14 – Mata ciliar preservada	47

Lista de siglas

Lista de siglas	9
Sumário	
1 INTRODUÇÃO	11
1.2 Justificativa	12
2 ÁREA DE ESTUDO.....	13
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
4.1 RAÍZES HISTÓRICAS DE ALFENAS.....	16
4.2 A evolução urbana de Alfenas.....	18
4.3 A estruturação de Alfenas.....	25
5 O BAIRRO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE URBANA	27
6 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: DINÂMICAS E CONTRADIÇÕES	30
7.1 A EVOLUÇÃO DO BAIRRO SANTOS REIS.....	32
7.2 Desafios Enfrentados.....	39
7.3 Identidade cultural e religiosa	41
7.4 O bairro atualmente	45
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
9 REFERÊNCIAS.....	52
Anexos.....	55

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Alfenas, localizada no sul de Minas Gerais, passou por intensas transformações urbanas no decorrer do século XX, impulsionadas principalmente por investimentos da elite local. Durante esse período, enquanto o centro da cidade experimentava os benefícios do desenvolvimento urbano atrelado à modernização, bairros periféricos como o Santos Reis ficaram à margem desse progresso.

Neste sentido, este trabalho tem como temática a análise das transformações ocorridas no Bairro Santos Reis, um local resiliente que foi tardiamente incorporado à malha urbana e enfrentou desafios devido às disparidades de investimentos na infraestrutura e serviços públicos. Apesar dessas adversidades, a população se sobressaiu em suas práticas sociais, religiosas e culturais e construiu uma identidade própria representada pela origem de seus moradores e pela tradicional Folia de Reis. Além disso, no alto do bairro está localizada a igreja centenária de mesmo nome, um marco histórico que simboliza profunda ligação da comunidade com suas raízes e tradições religiosas.

No entanto, apesar dessa herança histórica e cultural significativa, o bairro não é devidamente mencionado nas narrativas históricas da cidade de Alfenas, que tende a ser saudosista e destacar somente os grandes feitos da antiga elite. Essa falta de menção em relação à trajetória do bairro ressalta a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada acerca de sua evolução e levanta como principal questão a maneira como a urbanização de Alfenas afetou a dinâmica espacial do bairro Santos Reis e de que forma as transformações influenciaram a qualidade de vida percebida pelos moradores no decorrer dos anos?

A hipótese para essa questão é o processo de urbanização de Alfenas, que se acentuou no período da ascensão cafeeira, quando os ganhos começaram a render capital para a elite local modernizar o pequeno e acanhado burgo, priorizando a área mais visível nuclear e consagrada, o centro. Nesse contexto, as áreas suburbanas, especialmente o bairro Santos Reis, foram afetadas pela desigual distribuição de recursos direcionados à infraestrutura básica, impactando negativamente a qualidade de vida dos moradores e aumentando as disparidades entre esses locais.

Desta forma, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a evolução do bairro Santos Reis no contexto do desenvolvimento urbano de Alfenas, sob as narrativas dos moradores. Tratando-se dos objetivos específicos, este estudo visa analisar quais foram os desafios enfrentados pelos moradores, as intervenções realizadas pelo poder público, realizar um

levantamento de estudos acerca do bairro para o comparativo de experiências e conduzir entrevistas com moradores-chaves para compreender as transformações no bairro no decorrer das décadas.

Ademais, por meio dessa abordagem, espera-se obter uma compreensão mais aprofundada e detalhada das dinâmicas urbanas que moldaram o bairro Santos Reis, considerando tanto os aspectos físicos e estruturais quanto os culturais e sociais. A pesquisa se propõe a dar voz aos moradores, permitindo que suas histórias e experiências enriqueçam a história da evolução urbana de Alfenas.

1.2 Justificativa

Levando em consideração que o processo de modernização urbana ocorreu de forma excludente no país, em Alfenas-MG, dentro de suas particularidades, também ocorrera desta forma. O bairro periférico Santos Reis, formado nas primeiras décadas do século XX, é um caso representativo dos processos de segregação socioespacial. Os problemas relacionados às transformações urbanas em áreas específicas, vão desde a falta de infraestrutura até a limitação de serviços básicos, como educação, saúde e transporte eficiente em comunidades mais afastadas.

O tema é pertinente pois a narrativa da modernização em Alfenas ressalta as conquistas na área central, a pioneira na obtenção de água encanada e energia elétrica na década de 1930. Em comparação, o bairro Santos Reis, antes predominantemente rural, foi incorporado no perímetro urbano tardiamente, o que resultou em um período prolongado de implementação de infraestrutura básica.

Neste contexto, a qualidade de vida dos moradores pode ter sido afetada pela falta de urbanização do bairro ocasionando as disparidades entre as regiões centro-periferia. Sendo assim, se torna relevante compreender o processo de modernização em Alfenas-MG e como este repercutiu nas áreas periféricas no século XX, especificamente, no bairro Santo Reis.

Outro aspecto significativo na malha urbana é a localização e a morfologia do bairro que mantém a forma alongada e estreita há décadas, não tendo para onde se expandir, pois está completamente circundado pelo bairro de classe alta Jardim Aeroporto e o Residencial Floresta. A princípio essa organização sugere uma estagnação espacial, porém também pode indicar a resistência do bairro às pressões da valorização e do remodelamento urbano.

Neste cenário, as disparidades socioespaciais têm um impacto significativo na qualidade de vida dos moradores das periferias, uma vez que a ausência de investimento nessas

localidades cria condições adversas e intensifica as barreiras para o seu próprio desenvolvimento. Nesse sentido, torna-se crucial analisar a percepção dos moradores, pois são os principais agentes sociais que vivenciaram as dificuldades ao longo do tempo.

Apesar dos desafios, o bairro Santos Reis construiu uma identidade cultural única, refletida na celebração da Folia de Reis e na presença marcante da igreja histórica em homenagem aos três Reis Magos. Esses elementos são indicadores da resiliência da comunidade na preservação de suas tradições e valores culturais. Não obstante sua importância histórica e cultural, há poucos estudos sobre o bairro.

Com isso, a relevância social dessa pesquisa é fundamentada na possibilidade de dar voz aos moradores, sobre as condições do bairro antigamente e a atual situação, a fim de compreender os desafios a serem superados. Do ponto de vista acadêmico, essa análise contribui para a compreensão das dinâmicas urbanas desiguais, além de oferecer perspectivas valiosas para a geografia urbana e os processos de evolução espacial em contexto semelhantes.

2 ÁREA DE ESTUDO

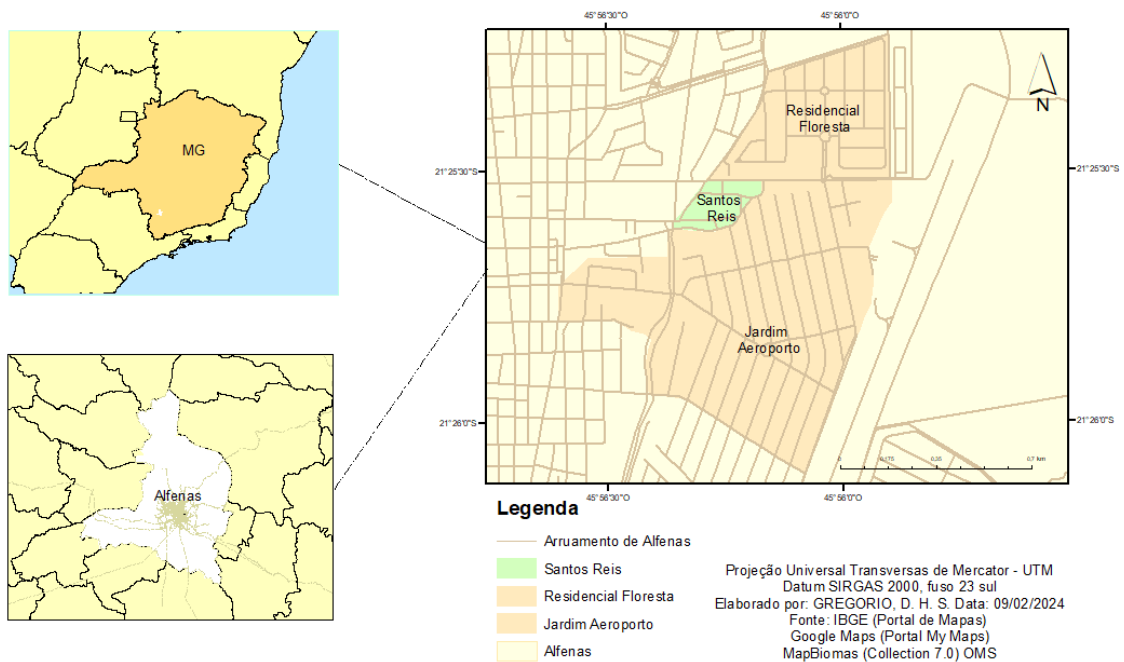
O município de Alfenas está localizado na mesorregião geográfica Sul/Sudoeste do estado de Minas Gerais. Sua população atual é de 78.970 habitantes, com uma área de unidade territorial de 850,446 km² e uma densidade demográfica de 92,86 hab./km² (IBGE, 2022). Sua formação territorial teve início no século XIX, quando colonos da região receberam a doação de uma grande extensão de terra da Coroa Portuguesa, com o objetivo de desenvolver a região e produzir pecuária de corte para abastecer o império (AYER, 1991).

A partir disso, estabeleceu-se uma agricultura diversificada entre os séculos XIX e XX, que se prorrogou mesmo com a chegada do café na região. Um fator atrativo nessa época era o clima ameno e as vastas áreas para produção, o que atraiu em parte, a chegada de novos moradores (MARTINS, 2016). Atualmente o clima do município, que possui uma altitude média de 888 metros acima do nível do mar, caracteriza-se como tropical mesotérmico e tem temperatura média anual de 19,6°C (IBGE, 2010).

De acordo com Branquinho e Silva (2021), é na década de 1960 que a população urbana ultrapassou a rural. Nesta mesma época estava sendo implementada a Usina Hidrelétrica de Furnas, a partir da qual acelerou a imigração do campo para a cidade, conduzindo os novos moradores a se instalarem nas periferias, sobretudo no Norte, nos bairros Jardim São Carlos e Vista Grande, e Oeste, no bairro Pinheirinho. Em resposta a esse crescimento populacional,

houve o aumento dos investimentos imobiliários, principalmente em novos loteamentos. Essa situação resultou em novo padrão de urbanização para a cidade, de expansão horizontal da mancha urbana e de periferização.

Figura 1: Mapa de localização do bairro Santos Reis da cidade de Alfenas-MG



Fonte: GREGÓRIO, D.H.S (2024).

Neste contexto, insere-se a área específica deste estudo (figura 1), o bairro Santos Reis, ocupado por uma população de menor poder aquisitivo, formado no período em que Alfenas estava se estruturando como núcleo urbano nas primeiras décadas do século XX. No passado, constituiu um subúrbio, um arrabalde segregado, isolado e isento de investimentos na porção leste da cidade. Entretanto, hoje se encontra em uma localização privilegiada entre o centro da cidade e os novos bairros de alto padrão, o que atraiu melhores investimentos na infraestrutura ao longo das décadas.

O bairro Santos Reis destaca-se por sua formação histórica e cultural distinta. Originalmente habitado por famílias de baixa renda, o bairro surgiu em um contexto de migração interna impulsionada pela expansão urbana de Alfenas e a implementação da Usina Hidrelétrica de Furnas. Esta migração levou a uma ocupação espontânea da área, onde os

moradores começaram a construir suas casas com os recursos disponíveis, como barro e madeira.

A infraestrutura básica, como água e eletricidade, chegou ao bairro de forma gradual e muitas vezes irregular, refletindo a falta de planejamento urbano específico para a área. Contudo, a comunidade local mostrou-se resiliente, desenvolvendo uma forte rede de solidariedade e apoio mútuo. A construção da Igreja de Santos Reis, por exemplo, tornou-se um ponto central para a vida social e religiosa do bairro, sendo palco de celebrações tradicionais como as Folias de Reis.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A princípio, buscou-se no levantamento bibliográfico reunir informações referentes à história da cidade, evidenciando as transformações ocorridas no espaço urbano a partir do projeto de desenvolvimento e modernização, para assim alinhar com as fases e mudanças ocorridas no bairro Santos Reis. Como o enfoque é análise do bairro e este carece de informações na história oficial de Alfenas, foi necessário reunir dados de outras pesquisas realizadas no local na página de Trabalhos de Conclusão de Curso de Geografia, da UNIFAL-MG. Assim, como base geral, obteve-se a monografia de Keylla Aparecida Francisco (2010), sobre a análise socioespacial do bairro Santos Reis.

O levantamento iconográfico foi realizado por meio dos grupos “Memória de Alfenas” e “Alfenas é coisa nossa!” na Internet. Vale ressaltar que a participação no projeto “Retratos do tempo e do espaço: memória e evolução urbana de Alfenas” também impulsionou o levantamento iconográfico, para o qual foi realizado trabalho de campo no bairro, a fim de compreender as dinâmicas socioespaciais e realizar registros fotográficos. Deste trabalho, surgiu a ideia de por onde começar as entrevistas, selecionando-se primeiramente uma das moradoras mais antigas. Como os primeiros relatos dessa moradora foram a partir de 1950, foi estabelecido que o recorte temporal de análise do bairro seria dessa década até os dias atuais, pois é neste período que a urbanização da cidade também se acentua.

Para prosseguir com o levantamento de informações acerca das entrevistas, optou-se pela aplicação da metodologia de amostragem bola de neve. Essa escolha se deve à dificuldade de acesso ao público específico, neste caso, os moradores mais antigos do bairro, cujos relatos eram essenciais para reunir informações sobre como o bairro era antigamente. Conforme

Bernard (2005), essa técnica é um método de amostragem em rede útil para estudar populações difíceis de serem acessadas ou quantificadas.

Inicialmente, foram selecionados dois participantes que viviam a muito tempo no bairro de Santos Reis. Esses participantes iniciais foram solicitados a indicar outras pessoas que pudessem contribuir para a pesquisa. Cada novo participante, por sua vez, foi também solicitado a fazer novas indicações. Esse processo de recomendações continuou até que as histórias e informações relatadas começaram a se repetir. Ao alcançar o total de cinco participantes, obteve-se uma amostra rica de informações parecidas, porém com perspectivas diversificadas.

As entrevistas foram conduzidas utilizando perguntas semiestruturadas, permitindo um diálogo mais natural e fluido com os moradores. Inicialmente, cada entrevista começava com a solicitação: "Fale um pouco sobre a história do bairro, as mudanças e como era antigamente". A partir dessa pergunta inicial, novas questões surgiam de forma espontânea, conforme os entrevistados compartilhavam suas experiências e memórias. Esse método flexível e não rigidamente planejado possibilitou explorar diversos aspectos da vida no bairro de forma mais aprofundada e pessoal.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas integralmente. Para facilitar a análise e a discussão das informações obtidas, as transcrições foram compartimentadas em diferentes categorias de assuntos: o bairro antigamente, desafios enfrentados, marcos simbólicos, identidade cultural, intervenções públicas, o bairro atualmente e possíveis melhorias. Essa organização permitiu uma análise mais focada e detalhada de cada tema. Após essa categorização, as informações foram relacionadas e discutidas de forma integrada, proporcionando uma compreensão mais abrangente e profunda dos relatos dos moradores.

Para a exposição dos resultados, também foram empregados material cartográfico e iconográfico, com o objetivo de caracterizar a expansão urbana e as transformações da cidade, com foco no processo de urbanização e no adensamento da zona leste alfenense. As fotografias complementaram essa análise, oferecendo uma base visual concreta para discutir as questões de segregação socioespacial e os impactos da urbanização no bairro.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 RAÍZES HISTÓRICAS DE ALFENAS

O território de Alfenas, situado no Sul de Minas Gerais, passou por várias fases antes de ser oficialmente elevado à condição de cidade em 15 de outubro de 1869. Antes da chegada dos colonos no final do século XVIII, a região sul mineira já era habitada por indígenas e quilombolas. Embora os registros históricos relacionados a esse período sejam limitados, alguns estudos historiográficos têm desvelado indícios que corroboram a existência desses povos na região.

Um exemplo disso é encontrado na obra "História Antiga das Minas Gerais" de Vasconcelos (1904), onde são descritos os Cataguás, uma nação indígena altamente organizada que causava apreensão nos antigos colonizadores paulistas. Entre os conflitos em que estiveram envolvidos, destaca-se a disputa por um rio na barra do Sapucaí, cuja localização é próxima de Alfenas.

Referente à antiga presença de comunidades quilombolas no sul de Minas, havia o Quilombo de Ambrósio, que abrigava uma população estimada em mais de dez mil indivíduos. Essa comunidade quilombola se dedicava a atividades pecuárias, como a criação de gado e, às práticas agrícolas, incluindo o cultivo de cana-de-açúcar para a produção de açúcar e aguardente, além da mandioca, que complementava sua subsistência (MOURA, 2021).

Martins (2008), corrobora ao retratar a aglomeração desses povos na margem esquerda do rio Grande, após os ataques aos núcleos da Primeira Povoação de Ambrósio, em 1746. Em virtude dos conflitos ocorridos, o povoado se dispersou em direção ao sul de Minas, dando origem a outros 11 quilombos que abrangem a área onde atualmente estão localizados diversos municípios, incluindo Alfenas, Alpinópolis, Alterosa, Barranco Alto, Guaranésia, Guaxupé, Juruáia, Monte Belo, Nepomuceno, Paraguaçu e Carmo do Rio Claro.

Tais constatações revelam uma parte da história alfenense que não é amplamente conhecida pela população, que geralmente associa o início do povoamento da região apenas à chegada dos primeiros fazendeiros no final do século XVIII, logo após o declínio da atividade aurífera em Minas Gerais. Segundo Fausto (2006), as primeiras jazidas descobertas em Minas Gerais estavam localizadas nas áreas que hoje são conhecidas como Sabará e Caeté e, de modo geral, apesar da exploração aurífera ter sido intensa e concentrada, ocorreu em um período relativamente curto, iniciado em 1695 e encerrando-se por volta de 1790.

Embora a atividade mineradora estivesse gerando altos excedentes econômicos, a Coroa Portuguesa passou a regulamentar as explorações, implementando impostos e regulamentações para controlar a exploração das minas, o movimento de bens e pessoas, e, assim, garantir uma quantidade de recursos financeiros para Portugal. Além disso, a agricultura, que anteriormente

era a principal atividade de interesse dos colonizadores, perdeu sua relevância em termos de produtividade devido ao crescente fluxo migratório em busca de ouro nas regiões do interior do Brasil (Naritomi, 2007).

Em contrapartida, a evasão do ouro tornou-se um problema sério, criando um clima de tensão e hostilidade entre os cidadãos e o Estado nas áreas mineradoras. Esse cenário se agravou à medida que o ouro começou a se esgotar. Um exemplo disso foi a chamada "derrama", que, no auge do ciclo, estabeleceu uma quantidade mínima de ouro a ser arrecadada como imposto nas regiões mineradoras. Caso essa meta não fosse atingida, o governo poderia confiscar todo o ouro disponível até alcançar o valor estipulado. Se isso ainda fosse insuficiente, poderia ser decretada a derrama, um imposto pago por toda a população (Fausto, 2006).

Com o fim do ciclo do ouro, o metal, que até então era o principal motor da economia colonial, entrou em decadência. Diante desse cenário, os colonos passaram a buscar novas fontes de sustento, deslocando-se para regiões com potencial agrícola e pecuário. Esse movimento resultou na formação de pequenos povoados no Sul de Minas Gerais, voltados para a policultura e a criação de gado.

Segundo Martins (2016), esses povoados tornaram-se importantes centros de produção, focados no abastecimento local e regional, atendendo à crescente demanda por alimentos nas novas áreas econômicas que surgiam. No entanto, a ocupação dessas terras estava vinculada à obrigação de fornecer produtos de forma contínua para abastecer a Corte Portuguesa, o que impulsionou o crescimento da produção agrícola ao longo do século XVIII.

Com essa transição para novas práticas econômicas, Alfenas consolidou-se como um importante polo agrícola e pecuário no sul de Minas Gerais. O processo de ocupação, impulsionado pelas novas demandas regionais, será melhor explorado no próximo capítulo, que analisa as transformações sociais e econômicas da cidade no século XIX.

4.2 A evolução urbana de Alfenas

As transformações socioespaciais e econômicas do século XIX impulsionaram de maneira decisiva o processo de urbanização de Alfenas, que, até então, se caracterizava como um polo agrícola e pecuário no sul de Minas Gerais. Pode-se dizer que a configuração urbana da região, especialmente após sua elevação à categoria de cidade em 1869, está associada aos grandes marcos econômicos da época, como a ascensão da economia cafeeira, que desempenhou um papel crucial no crescimento e no desenvolvimento do núcleo urbano.

Nesse sentido, é importante considerar que, conforme Corrêa (1989), a cidade pode ser entendida como uma expressão concreta de processos sociais, materializada em um ambiente físico construído sobre o espaço geográfico. Desta forma, a cidade não é apenas um espaço geográfico, mas um reflexo direto das dinâmicas sociais, econômicas e políticas de uma sociedade. Essa compreensão teórica se alinha com a análise de Gambi et al. (2012), que afirmam que a cidade é o resultado de um processo de produção, influenciado por contradições e pela interação das relações sociais. Assim, o espaço urbano, que antes era apenas um dado geográfico, passa a ser moldado, de forma intencional ou espontânea, por essas relações.

A formação de Alfenas ilustra como seu crescimento e urbanização estiveram diretamente ligados à elite local, que, ao impulsionar o setor cafeeiro, promoveu a expansão urbana. No final do século XIX, a cidade começou a se estruturar como um espaço urbano, respondendo às transformações econômicas da região e à crescente integração ao mercado agrícola, refletindo as dinâmicas sociais e econômicas da época (Martins, 2016).

No entanto, antes de alcançar esse patamar, Ayer (1991) descreve que a cidade de Alfenas começou como um embrião urbano, originando-se da construção de uma pequena ermida dedicada à Nossa Senhora das Dores e São José, situada na parte central da cidade. Essa ermida passou por várias reformas e demolições até se transformar na igreja matriz.

De acordo com Vieira (2002), essas vastas terras circundantes da antiga Capela São José e Dores foram ocupadas por sesmarias e numerosas posses. Na primeira metade do século XIX, imensas propriedades dominaram o cenário rural. Em 1805, as terras em torno da pequena ermida foram doadas para abertura de ruas, construção de espaços públicos e casas, dando início ao Arraial da Pedra Branca.

No ano de 1832, a localidade passou a ser reconhecida como a freguesia de São José e Dores dos Alfenas. Essa mudança ocorreu devido à elevação da capela a Paróquia, demonstrando que a comunidade tinha capacidade de sustentar um pároco de forma contínua, graças às contribuições dos fieis para a realização das cerimônias religiosas e civis. A criação da freguesia representou a criação de uma região eclesiástica, promovendo a religião entre os seus habitantes e os fregueses, no caso os próprios membros da Igreja (BRANQUINHO, 2023).

No ano de 1860, a localidade foi promovida a Vila Formosa de Alfenas, momento em que a Câmara Municipal e outras atividades administrativas foram estabelecidas, resultando na separação de seu território dos municípios de Caldas, Jacuí e Campanha. Pouco tempo depois, em 1869, obteve o reconhecimento oficial como Cidade Formosa de Alfenas. Já no ano de 1871,

foi rebatizada como Alfenas, em homenagem a uma das principais famílias de proprietários locais (IBGE, 2023).

Em relação aos comércios nesta época, algumas lojas, vendas e boticas mantinham o funcionamento atendendo às necessidades de uma população habituada à vida no campo, cujas principais formas de diversão eram as festas religiosas (GRAÇA FILHO, 2002). Já a divisão do trabalho, consistia em maioria pela ocupação de lavouras por homens e, serviços domésticos, fiar e tecer, pelas mulheres.

Contudo, um aspecto interessante é que mesmo após Alfenas ter sido elevada à categoria de cidade, o cenário urbano ainda era carregado de peculiaridades. Dentre elas, a presença de amplos quintais na área urbana (figura 2), onde os moradores cultivavam frutas, vegetais, feijão, milho e criavam gado e suínos. Essas características dos quintais espaçosos que abrigavam plantações, chiqueiros e pequenos pastos, persistiram até o início do século XX (VEIGA, 1874, *apud* MARTINS, 2016).

Figura 2: Pessoas secando o café, que era cultivado nos quintais das casas



Fonte: Memórias de Alfenas.
<https://www.facebook.com/groups/1155401031254752>

Pode-se dizer que este cenário estava inserido no que Gambi *et al.* (2012), retrata como contexto contraditório da urbanização do sul de Minas, no qual relaciona seu lento processo de transição ao fato de que a economia brasileira era predominantemente agrícola e mercantil e, simultaneamente, testemunha da construção do mundo urbano moderno que teve início no

século XX e estava ligada ao avanço do capitalismo. Nesta transição, a contradição se justifica pela existência de um rural atrasado que se constitui como base econômica, enquanto simultaneamente, promove e limita o desenvolvimento de um espaço urbano moderno moldado para atender às demandas da capital.

À exemplo disso, tem-se o registro das atividades agropecuárias de Alfenas, que mantinham as características distintivas da economia agropastoril sul-mineira, marcada pela diversificação produtiva. Segundo Martins (2016), no período de 1855-1890, foram contabilizadas cerca de 43 propriedades rurais, sendo responsáveis pela cultura e agropecuária local, conforme apresenta a tabela a seguir:

Tabela 1: Atividades agropecuárias nas propriedades rurais de Alfenas (1855-1890)

Atividade	1855-1869		1870-1879		1880-1890		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Algodão	2	14,2	3	17,6	0	0	5	16,2
Arroz	0	0	3	17,6	0	0	3	6,9
Batata	0	0	1	5,8	0	0	1	2,3
Café	0	0	2	11,7	5	41,6	7	16,2
Cana *	5	35,7	5	29,4	4	33,3	14	32,5
Feijão	0	0	3	17,6	0	0	3	6,9
Fumo	0	0	2	11,7	0	0	2	4,6
Mandioca	1	7,1	1	5,8	1	8,3	3	6,9
Milho	12	85,7	13	76,4	10	83,3	35	81,3
Pastagem	12	85,7	3	17,6	6	50,0	21	48,8
Pomar	0	0	3	17,6	2	16,6	5	11,6
Sem informação	2	14,2	3	17,6	0	0	5	11,6

Fonte: Inventários do Juízo de Órfãos e Ausentes do Termo de Alfenas.

Fonte: Martins, 2016.

Os dados da Tabela 1 indicam que a cultura do café foi introduzida tardiamente no período oitocentista e não se tornou rapidamente a principal ou única atividade econômica das fazendas. Isto pode ser observado pela predominância das atividades tradicionais, como a criação de gado e o cultivo de milho e cana-de-açúcar, que permaneceram como as principais ao longo da segunda metade do século XIX. Percebe-se ainda que, após Alfenas ser elevada a categoria de cidade, a produção de café ultrapassou a de cana-de-açúcar, refletindo a gradual

adaptação dos agricultores às novas oportunidades econômicas e o crescimento da demanda por café no mercado interno e externo.

Durante o período de 1874 a 1885, Alfenas não sofreu mudanças significativas, mantendo o modo de vida rústico diante do avanço da era oitocentista. No entanto, no final do século XIX, mudanças importantes começaram a afetar o Sul de Minas Gerais, especialmente Alfenas. Em 1897, a economia regional foi impulsionada pela construção da ferrovia (Figura 3), que estimulou o escoamento da produção agropecuária por meio da estrada de ferro Muzambinho, que se estendia até Gaspar Lopes (Martins, 2016).

Figura 3: Ferrovia em Gaspar Lopes, desativada em 1960.



Fonte: Memória de Alfenas.

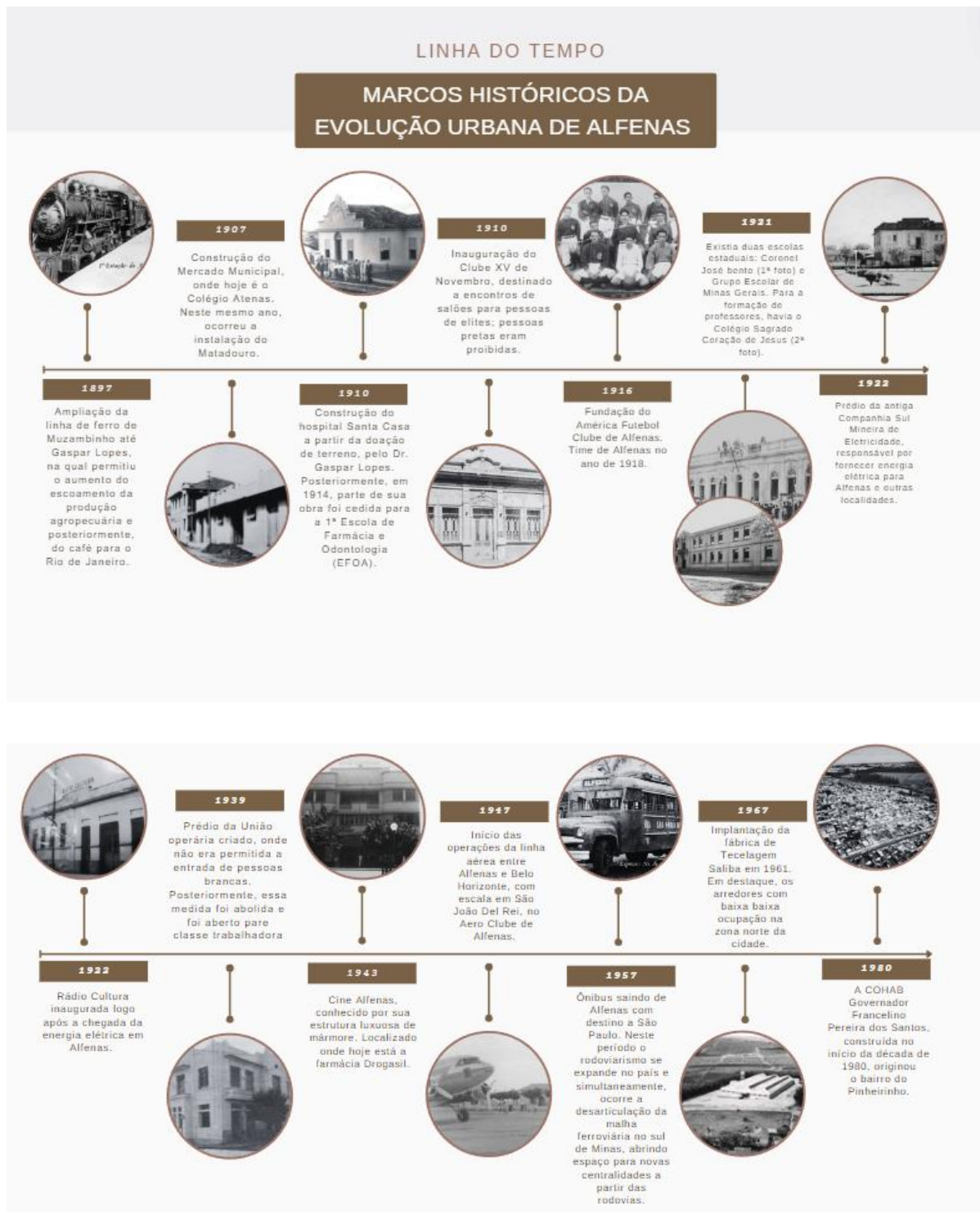
<https://www.facebook.com/photo?fbid=4215379691880981&set=a.150137278405263>

Nesse período de crescimento econômico, houve também um aumento expressivo na produção de café. Os preços deste produto atingiram níveis elevados, gerando mais receita para o estado e municípios da região. Com os lucros provenientes do comércio agrícola tradicional e do café transportado até o Rio de Janeiro pelas ferrovias Muzambinho e Minas & Rio, somados ao maior apoio político vindo do Palácio da Liberdade, as elites locais passaram a ter novas oportunidades de prosperidade (Martins, 2016).

Neste contexto, Saes (2013), ressalta que a cultura do café potencializou o florescimento das cidades na região do Sul de Minas, uma região marcada pelo comércio de subsistência e abastecimento. As cidades que antes se dedicavam à produção diversificada de produtos como milho, arroz, fumo, toucinho e gado, priorizaram o cultivo do café, um setor mais lucrativo que ganhou força devido à expansão do transporte ferroviário. Ao se consolidar na região, a

cafeicultura trouxe consigo mudanças típicas de um "complexo econômico", atraindo a chegada de imigrantes e favorecendo o crescimento de negócios, como a instalação de bancos, novas estações ao longo da ferrovia e o surgimento de pequenas indústrias, características que redefiniram a economia e a estrutura urbana local.

Figura 4: Evolução urbana de Alfenas, a partir do final do século XIX.



Autora: GREGORIO, Debora Haller da Silva. Fonte: Memória de Alfenas, Branquinho, Evânio S.; Bernades Rogério.S, 2012 e Martins, 2016.

No caso de Alfenas, a valorização dos preços elevou as rendas do estado e dos municípios da região. Deste modo, os ganhos econômicos resultantes do escoamento de mercadorias agropecuárias tradicionais e do café, transportados por sua vez até o Rio de Janeiro e respaldados pelo apoio político no Palácio da Liberdade, abriram novas margens de ação para as elites alfenenses se vislumbrar com a ideia de desenvolvimento e modernidade (MARTINS, 2016).

Assim adiante, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por alterações significativas para o município de Alfenas. Os primeiros sinais de progresso apareceram tanto no campo, com o crescimento da produção de café, quanto na cidade, com as melhorias urbanas, construção do hospital, abertura de uma escola de ensino superior e a intensificação dos encontros sociais (figura 4).

Em contrapartida, à medida que a cidade se expandia, os fluxos de pessoas e mercadorias se diversificaram, levando ao surgimento de novos bairros e à ocupação de áreas periféricas. Embora o centro ainda mantivesse certa centralidade econômica e administrativa, o crescente desenvolvimento das áreas externas evidenciou a fragmentação do espaço urbano e a diversificação das funções urbanas.

Esse fenômeno é reconhecido por Correa (1989), como descentralização, isto é, um processo com repercussões na organização do espaço intraurbano, que se manifesta sob forma de uma medida, de caráter espontâneo ou planejado, que visa a diminuir a centralização urbana. Está associada ao crescimento, tanto em termos demográficos como espaciais, ampliando as distâncias entre a área central e as novas áreas residenciais. Além disso, com o aumento do tamanho demográfico e a maior complexidade das atividades econômicas, o espaço urbano se torna mais fragmentado e heterogêneo.

Isto significa que, com o crescimento da população e a diversificação das funções econômicas, a cidade passa a ser dividida em diferentes áreas que atendem a necessidades e demandas diversas. Isso reflete na "projeção espacial das classes sociais", ou seja, na distribuição geográfica das classes sociais na cidade. Com a descentralização e a fragmentação, as áreas urbanas se tornam mais segmentadas, criando zonas mais específicas para determinadas classes sociais, resultando em uma "divisão social do espaço", com regiões distintas e diferenciadas socioeconomicamente.

Em Alfenas, a construção da ferrovia, por exemplo, atuou como um divisor espacial, isolando áreas periféricas e estabelecendo novas zonas de crescimento com diferentes níveis de

infraestrutura, como o bairro Santos Reis. Essa descentralização gerou uma cidade mais fragmentada, com diferentes núcleos de ocupação e uma configuração mais dispersa, que refletia as transformações econômicas, como o fortalecimento da produção cafeeira e a instalação de novas populações, além das transformações sociais e culturais que marcaram a transição de uma cidade rural para um centro urbano mais dinâmico e complexo.

4.3 A estruturação de Alfenas

De fato, o projeto de modernização das elites parecia promissor. No entanto, parte da população, sobretudo a de baixa renda e segregada para as áreas fora do centro, seja por um rio, córrego ou uma linha ferroviária, foram marcadas pela modernização incompleta, seletiva e excludente do espaço urbano alfenense (Martins, 2012).

Este é o caso do bairro Santos Reis, antes conhecido por Aflitos, um arrabalde ou subúrbio, formado na segunda década do século XX, com população predominantemente de pessoas pretas. Situado fora do núcleo urbanizado, numa vertente íngreme, após o córrego Pedra Branca e da separado do centro pela linha ferroviária da antiga estação. As condições de moradia eram bastante precárias, em casas de pau-a-pique sem rede de esgoto, com ruas ausentes de infraestrutura básica, água e energia elétrica (Francisco, 2010).

Considerando a década de 1960, pode-se dizer que Alfenas adentrou um período crucial em sua evolução urbana, marcado pelo avanço da industrialização no Brasil e transformações no campo. Esses processos impulsionaram a urbanização e criaram a necessidade de expandir infraestrutura e moradia. Marques (2021), apresenta como exemplo marcante desse período a construção do reservatório de Furnas, destinado a atender à crescente demanda por energia elétrica no país. A construção do reservatório levou à inundação de áreas ribeirinhas, provocando o êxodo rural e o abandono da malha ferroviária em favor do transporte rodoviário no Sul de Minas Gerais. Esses eventos contribuíram para a transição da população rural para a urbana em Alfenas, tornando a cidade mais central na rede urbana e reforçando a polarização entre as pequenas cidades da microrregião. Nesta ocasião, a cidade começa novamente a produzir um padrão periférico, a fim de comportar a chegada da população do campo que ocupa as áreas de moradia com baixo custo. Essa nova transformação desvincula o papel da cidade apenas como centro de trocas, abrangendo por sua vez, a produção do espaço com a implantação de novas infraestruturas e maior número de habitantes.

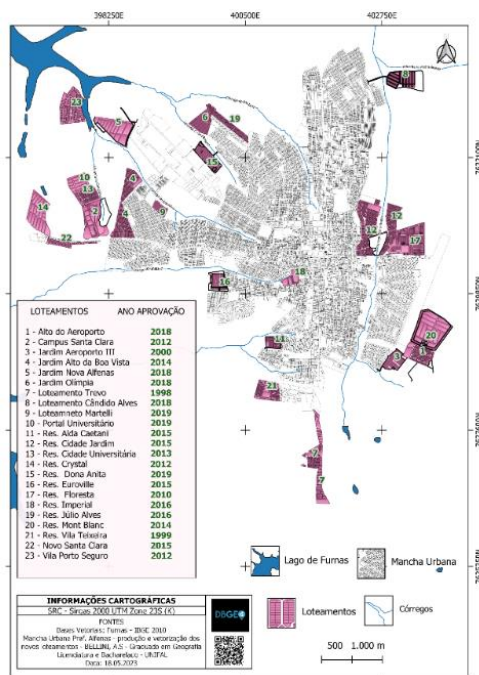
Neste contexto, ocorreu em 1961, a instalação da fábrica de tecidos Saliba, originária de São Paulo. Atraída pelos menores custos de terra e mão de obra, Alfenas reflete a mudança nas

relações de trabalho e nos sistemas produtivos, caracterizados por uma produção em maior escala e um maior alcance geográfico, além de uma conexão mais forte com São Paulo. Esses fatores consolidam Alfenas como uma cidade média e apontam para uma nova etapa de desenvolvimento urbano, caracterizada pela intensificação do processo de periferização (Branquinho, 2023).

Por essa razão, a oferta de lotes e imóveis destinados à classe trabalhadora das áreas periféricas teve um expressivo aumento. Aparentemente a oportunidade de produzir mais valia através da renda da terra surgiu devido a demanda por habitação. Entretanto, para o setor imobiliário foi uma oportunidade de valorizar o solo urbano nas áreas periféricas e promover a expansão urbana.

Nesta época a indústria da construção civil avança com relação à escala no espaço urbano, instalando novos loteamentos como o Jardim São Carlos e a Cohab Vista Grande. Concomitantemente, a população urbana supera a rural na década de 1960, a demanda por moradias aumenta e o mercado imobiliário se expande, de modo que a malha urbana estabeleça o crescimento no sentido horizontal, deixando vazios oportunos para especulação imobiliária, o que pode acarretar implicações na segregação espacial (BRANQUINHO, 2023).

Figura 5: Mapeamento de novos loteamentos de Alfenas-MG, no período de 1998 a 2019.



Fonte: BELLINI, A. S., 2023.

De acordo com o mapa de Bellini (2023), foram implantados 23 loteamentos na cidade de Alfenas no período de 21 anos (figura 5). Verifica-se a fragmentação da totalidade urbana, onde o espaço é considerado uma mercadoria que visa investimento para o rápido retorno do capital. Evidentemente, esse parcelamento do solo é decorrente da instalação de condomínios fechados. Estes espaços constituem formas de segregação voluntária ou autosegregação, na qual diz respeito, a intenção dos moradores de se isolarem em espaços coletivos, porém privatizados em termos de administração. Como resultado, surgem outros espaços públicos com potencial para novos residenciais fechados.

5 O BAIRRO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE URBANA

A organização espacial das cidades é fundamental para entender a dinâmica urbana e a qualidade de vida dos habitantes. Os bairros, como unidades territoriais e sociais, desempenham um papel central neste contexto, refletindo a diversidade socioespacial bem como as variações econômicas e culturais de uma população.

Quando o objetivo é resgatar a história de um bairro, uma abordagem geográfica se torna mais apropriada, uma vez que permite compreender a dinâmica local, os papéis desempenhados pelos diversos agentes sociais e as interações urbanas. Ainda assim, torna-se importante partir de definições simples antes de discutir esse conceito envolto de complexidade, no decorrer deste capítulo.

De acordo com Souza (1989), a palavra "bairro" tem origem nos termos árabes "barr" ou "bar," que se referem a terra ou campo próximo a uma área habitada. Nos dicionários, o conceito de bairro está associado à divisão de uma cidade, sendo descrito como a parte onde a população se concentra ou uma porção do território de uma povoação, conforme definido, assim como Ferreira (2004), que apresenta como "cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação das pessoas e mais fácil controle administrativo dos serviços públicos".

Essas definições que destacam os bairros como partes integrantes da cidade, é reiterada pelo IBGE (2024), em que “bairros são subdivisões intraurbanas legalmente estabelecidas por meio de leis ordinárias das Câmaras Municipais e sancionadas pelo Prefeito”. Do ponto de vista administrativo essa linha conceitual é norteadora quando se trata da gestão urbana, sendo eficaz para estabelecer limites, normas, desenvolvimento e prestação de serviços públicos de forma adequada.

No entanto, quando se trata do conceito de bairro no âmbito da geografia, este é carregado de complexidade e diferentes critérios são utilizados para sua definição. Isto se deve ao fato de que há uma variedade de fatores pelos quais um bairro pode ser analisado, visto que, cada abordagem oferece uma perspectiva voltada para diferentes aspectos e objetivos de estudo.

Um exemplo disso é a definição apresentada por Corrêa (1989), que descreve o bairro a partir do conceito de espaço urbano. Ele considera o espaço urbano como uma totalidade fragmentada e concomitantemente articulada, em que diferentes partes, isto é, os bairros, interagem entre si com intensidades variáveis e podem ser observados por meio das relações espaciais que se manifestam nesse espaço. Desta forma, destaca as relações visíveis, que ocorrem através dos movimentos diários de pessoas e veículos, como os deslocamentos entre áreas residenciais e locais de trabalho, atividades de lazer e a busca por serviços. E as relações menos aparentes, como a circulação de decisões e investimentos, fluxos de capital, mais-valia, renda, sendo todas essas relações de natureza social enraizadas na estrutura da sociedade de classes e nos próprios processos que as sustentam.

Deste modo, pode-se dizer que a delimitação de um bairro ultrapassa as fronteiras físicas. Trata-se de uma subdivisão onde ocorre a reprodução de grupos sociais por meio das relações que se manifestam e são moldadas pelas dinâmicas econômicas e culturais da população. Tal fato, reforça a importância dos bairros na compreensão e gestão da vida urbana, refletindo a complexidade e a diversidade da sociedade em que estão inseridos.

Por outro lado, reflexões alternativas à perspectiva social são ressaltadas por Souza (1989), que considera as características físicas e dimensionais, particulares de cada recorte espacial. Nessa mesma linha de pensamento, Alencar (2011), aborda o bairro em sua dimensão física, descrevendo-o como uma parte específica do ambiente urbano que se expande seguindo a lógica da direção espaço-social. Neste contexto, o bairro emerge como uma entidade que é tanto uma unidade morfológica espacial quanto uma unidade morfológica social, integrando características do espaço físico e as interações sociais que permeiam sua configuração e evolução.

Sobre a perspectiva da morfologia social, Rossi (1995) retrata o bairro como uma área específica do meio urbano, que é caracterizada por uma paisagem, contexto social e por sua função desenvolvida na cidade. Ainda ressalta que a alteração em um desses aspectos pode resultar em uma possível mudança no seu limite, o que sugere que a identidade, bem como a estrutura desse recorte espacial são constantes e estão atreladas ao desenvolvimento urbano.

Neste contexto, Pacheco (2001) esclarece que essa unidade morfológica está condicionada a uma certa “autonomia funcional”, porém quando se trata das relações estabelecidas com o espaço urbano total, se torna integrativa no sentido de possui uma centralidade ou efeito polarizador em suas áreas adjacentes. Com isso, divide com outras unidades, a capacidade de atender as necessidades de consumo básico e imediato, como moradia, lazer, trabalho, alimentação, assistência à saúde, educação e segurança, pois é desenvolvido e estruturado com o propósito de se tornar o espaço propício as relações de produção e ao consumo de diversos grupos populacionais que ali habitam, fomentando as interações intraurbanas e regionais.

Entretanto, percebe-se que o entendimento de bairro vai além do que foi posto até aqui. Isso, tendo por base a interpretação de Lefebvre (1975), que considera o bairro um espaço que poderia ser dimensionado também na escala paroquial. Tal fato se justifica em sua linha de pensamento, em virtude de a paróquia não exercer somente sua função religiosa, mas também civil e política. À exemplo disso, explica que os batismos, casamentos, as bodas comemorativas e os óbitos inscreviam-se nos registros paroquiais e os grupos e associações organizavam-se próximos do aparato eclesiástico.

Em uma pesquisa sobre o povoamento de Alfenas e seu desenvolvimento enquanto núcleo urbano, as evidências de Martins (2016), corroboram com essa interpretação de bairro. Segundo sua consulta ao Censo de 1872, a paróquia de Alfenas, precisamente a tradicional São José e Dores, foi delegada a tarefa de registrar o levantamento da população seguindo o critério cor e gênero. Na passagem seguinte, torna-se evidente que a paróquia de São José e Dores se enquadrava na categoria de bairro, sendo importante ressaltar que Alfenas já havia sido elevada a categoria de cidade em 1969:

O Censo do Império de 1872 registrou 4600 habitantes da paróquia de São José e Dores de Alfenas, no território da qual havia 775 casas. Havia 2.303 (50,1%) homens e 2.297 (49,9%) mulheres. As pessoas livres somavam 3776 (82,1%) e os cativos eram 824 (17,9%). Entre os 4600 habitantes da paróquia, Somente 414 (9%) Sabiam ler e escrever. Havia apenas 50 estrangeiros residentes na paróquia (Martins, 2013, p.353).

Diante disso, pode-se afirmar que as diversas definições do termo bairro, apresenta pontos em comum e simultaneamente, divergências significativas. A partir dos conceitos discutidos, torna-se evidente que os bairros são reconhecidos como unidades territoriais fundamentais, cuja delimitação transcende os aspectos físicos para englobar dimensões sociais, econômicas e culturais.

Desta forma, enquanto alguns estudiosos enfatizam as interações espaciais e as relações sociais que ocorrem dentro desses espaços, outros destacam as características físicas e a lógica espaço-social que moldam e definem os bairros. Esta variedade de abordagens evidencia a complexidade inerente ao conceito de bairro, refletindo as múltiplas faces que espaços urbanos carregam.

Em síntese, a análise do bairro como uma categoria urbana revela sua natureza multifacetada, refletindo não apenas sua dimensão física, mas também suas interações sociais, econômicas e culturais. Enquanto alguns enfoques ressaltam as relações espaciais e a dinâmica social intrínseca aos bairros, outros destacam suas características morfológicas e seu papel na estrutura urbana. Essa diversidade de perspectivas evidencia a complexidade do conceito de bairro e sua importância na compreensão e gestão da vida urbana. Portanto, compreender o bairro como uma unidade territorial fundamental requer uma abordagem holística, que considere tanto suas dimensões físicas quanto suas dinâmicas sociais, econômicas e culturais, reconhecendo assim sua relevância na organização e funcionamento das cidades.

6 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: DINÂMICAS E CONTRADIÇÕES

A segregação socioespacial se manifesta na separação física e social de diferentes grupos dentro de uma cidade. Esta divisão é impulsionada por fatores socioeconômicos, raciais, étnicos ou culturais e pode resultar em desigualdades significativas no acesso a recursos, serviços e oportunidades. A compreensão deste fenômeno urbano é fundamental para subsidiar a análise da dinâmica urbana e as disparidades socioespaciais presentes neste meio.

Sobre este fenômeno, Fani (2020), afirma que a segregação socioespacial reflete à maneira como as classes são organizadas na sociedade e como os cidadãos são distribuídos no espaço urbano com base em sua posição social. Isto remete ao fato de que há grupos sociais que se apropriam da segregação e, há outros que são afetados por ela, sendo que, o modo como os indivíduos experienciam este fenômeno varia de acordo com contexto no quais estão inseridos.

Nessa perspectiva Negri (2008), ressalta que a camada de alta renda produz a segregação socioespacial ao consumir e valorizar o espaço urbano de forma diferenciada, visto que, a continuidade na existência desse fenômeno a beneficia permitindo que continue a dominar o espaço produzido conforme seus interesses. Desta forma, percebe-se que a segregação não se limita apenas à divisão de classes, mas também funciona como um instrumento de controle do espaço urbano.

Tendo a cidade como arena desses processos, Lefebvre (1969), destaca que é nela que se dá a conexão de movimentos, acúmulo de riqueza e a transformação social, uma vez que ao longo do tempo se tornou um núcleo de decisões que coordena e amplia a exploração da sociedade, abrangendo tanto a classe trabalhadora quanto os grupos menos dominantes. Isto indica que a cidade influencia os meios de produção ao mesmo tempo em que é moldada por eles.

Diante disso, é importante considerar em qual escala examinar o fenômeno da segregação socioespacial em uma cidade. Conforme Villaça (2012) pontua, a escala selecionada deve possibilitar a compreensão de como ela se conecta com o restante da malha urbana e, concomitantemente abrir caminho para uma visão mais ampla dos diversos aspectos da sociedade, abrangendo o econômico, o político e o ideológico.

Dentro desse cenário, destaca-se a parte leste de Alfenas, que no decorrer do século XX, estruturou a segregação socioespacial da população carente, a qual migrou parcialmente do campo para a cidade e se estabeleceu nas terras que compõe atualmente o bairro periférico Santos Reis. Durante décadas, essa região lidou com a ausência de investimentos em infraestrutura, apesar de estar situada a menos de 2km de distância do centro da cidade.

Carlos (2020), considera que a partir do acesso inicial à habitação, surgem novas restrições, como a dificuldade em obter bens e serviços urbanos e em alcançar áreas centrais. Desta maneira, a segregação experimentada no dia a dia se manifesta primeiramente como uma discrepância, seja na forma de encontrar um lugar para viver (como o exemplo mais claro da comercialização do espaço urbano), ou na questão do transporte público que limita o acesso às atividades urbanas, assim como na deterioração, cercamento e redução das áreas públicas.

Para aprofundar a compreensão desses processos, é relevante considerar os padrões históricos de segregação das classes sociais. Segundo Marcuse (2004), historicamente existe um padrão geral de segregação que pode ser dividido em três categorias principais: (1) *Divisão Cultural* - ocorre por meio de fatores como a língua, a religião, as características étnicas, o estilo arquitetônico e a nacionalidade; (2) *Divisão Funcional* – resulta na separação entre bairros com base na lógica da função exercida por cada espaço, podendo ser residenciais, comerciais, industriais ou rurais; (3) *Divisão por Diferença no Status Hierárquico* - reflete e perpetua as relações de poder na cidade, sendo exemplificada por territórios fechados, como os condomínios particulares ou pela distribuição desigual de serviços públicos pelo Estado.

Apesar dos conceitos de segregação socioespacial se relacionarem à organização do espaço no contexto capitalista, existem contradições na maneira como esse fenômeno se

desenvolve nas cidades contemporâneas. De acordo com Maricato (2001), as contradições da sociedade atual podem ser percebidas nos processos que ocorrem no espaço geográfico, incluindo a favelização. Os custos exacerbados impostos pelo ramo imobiliário e o avanço da industrialização impulsionam à ocupação irregular de terrenos, construção de moradias sem planejamento adequado e conseqüentemente, a formação de favelas.

Em contrapartida, Melo (2019), destaca o fenômeno da segregação voluntária, onde o indivíduo opta por se mudar para áreas habitadas por pessoas da mesma classe social. Para Carlos (2020), esse tipo de segregação está relacionado ao modo como a periferia se reproduz atualmente:

A expansão desigual do tecido urbano realiza outra desigualdade: a periferia cria lugares de concentração/dispersão. Portanto, no movimento da reprodução do espaço a periferia, hoje, se complexifica contemplando isotopias – os grandes condomínios fechados, os clusters industriais – e heterotopias – espaços-tempos da vida cotidiana acessados de forma diferenciada em função do lugar e da classe que cada um ocupa nesta sociedade. Se a forma heterogênea aponta, con-traditoriamente, uma sociedade de desiguais separados claramente pela arquitetura cujos muros e cercas não deixam dúvidas, esta fragmentação dos tecidos social e espacial aponta a necessária convivência entre classes diferenciadas. A submissão extremada às necessidades de sobrevivência relaciona pessoas e classes diversas por meio da relação de trabalho entre patrões e empregados (nos condomínios murados, por exemplo) (CARLOS, 2020, p. 417).

Um exemplo concreto desse fenômeno pode ser observado na região onde está situado o bairro Santos Reis, entre o condomínio fechado Floresta e o bairro Jardim Aeroporto, ambos habitados predominantemente por classe média-alta. Nesse contexto, evidencia-se o conceito de fronteiras relativas descrito por Damiani (2016), que trata dos espaços urbanos confrontando-se com novas fontes de potencial econômico. Essas áreas periféricas, ao se tornarem alvo de exploração imobiliária, adquirem uma complexidade espacial heterogênea, desafiando a visão tradicional de periferia como exclusivamente popular, podendo também abrigar residências de classe média a alta. Esses novos condomínios, fundamentados na lógica da especulação imobiliária e frequentemente delimitados por muros, exemplificam como a periferia mantém interações complexas com os bairros vizinhos, apesar das barreiras físicas estabelecidas.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 A EVOLUÇÃO DO BAIRRO SANTOS REIS

O bairro Santos Reis, está situado na porção leste da cidade de Alfenas-MG. No alto de sua vertente há uma igreja centenária de mesmo nome, com a data 1917 gravada em seu topo, sugerindo que este é um dos bairros mais antigos da cidade. Seu processo de povoamento, segundo Francisco (2010), ocorreu por meio da ocupação de terrenos ou aquisição por preços irrisórios, fato que foi confirmado pelos entrevistados no decorrer desta pesquisa.

Os moradores entrevistados têm entre 66 e 86 anos, o que faz com que suas histórias remontem à década de 1950 em diante. Apesar das narrativas serem individuais, há muitas semelhanças nos relatos sobre como a população produzia o espaço, as condições de vida e os desafios enfrentados devido à segregação socioespacial.

Essas similaridades presentes nas narrativas correspondem ao acesso da memória coletiva, que segundo Halbwachs (1990), diz respeito a memória que tem caráter familiar, social ou grupal, na qual requer acesso à memória individual para ser lembrada. Essa ponte entre a memória individual e a coletiva se estabelece pela convivência do indivíduo com o grupo ao mesmo espaço no qual habitou, trabalhou e viveu. Esse espaço compartilhado por uma certa coletividade durante um determinado tempo pode ser a residência de uma família, a vizinhança ou um bairro. De qualquer forma, a memória de um grupo é contínua e retém do passado somente o que é capaz de viver na consciência coletiva.

Diante disso, as entrevistas realizadas abordaram como era o bairro antigamente. Isso permitiu traçar uma linha do tempo com base nas lembranças individuais dos entrevistados e, a partir dessas narrativas, coletar informações sobre a dinâmica da comunidade na época. A primeira entrevista, a moradora mais antiga do grupo, contou que se mudou para o bairro quando ainda era criança. Antes disso, ela vivia no campo com a família “Eu vim para cá, meu pai vendeu a roça dele lá para poder comprar aqui. Lá na esquina, lá em cima que foi do meu pai”. Em seguida descreveu o bairro antigamente como um lugar sem nenhuma infraestrutura:

Antigamente a rua não tinha asfalto, não tinha nada, a gente pegava água lá embaixo e tinha que subir beirando a cerca, porque no meio era um rasgão, assim no meio da rua e a gente passava com medo de cair. [...] Para baixo da linha de ferro até aqui, não tinha água, não tinha luz. Aqui era tudo escuridão. Para cima da linha de ferro tinha luz, na cidade lá em cima, mas para nós aqui embaixo não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha nada, era barro (Entrevista 1, junho de 2023).

A partir de seu relato é possível identificar a estruturação do núcleo urbano de Alfenas, em meados do século XX. Naquele momento, o bairro Santos Reis estava nas margens da mancha urbana, abaixo da linha férrea e do córrego Pedra Branca, se caracterizando, portanto,

como uma antiga área segregada. Acima, estava localizada a parte privilegiada da cidade, aquela que continha a concentração de investimentos e infraestrutura.

Ao ser questionada se lá em cima, no centro, já tinha água encanada, a entrevistada 1 recordou com precisão que havia, pois, uma das suas funções no seu emprego era lavar roupas:

Lá tinha. Mas para baixo não tinha água encanada não. Tinha que pegar água lá embaixo. Tem o correio aqui. Você sobe e vai como se fosse para a praça. Assim, naquela casa amarela. Você sobe. Aí ele vai com coisa que você vai para a praça. [...] Então, ali que bem dizer eu fui criada, porque comecei a trabalhar com 9 anos. O 1º restaurante que teve foi lá, quando inaugurou a EFOA, não era a nova, era a velha. Aí quando inaugurou, aí que veio os estudantes para estudar lá na EFOA, ficavam onde que eu trabalhava.

A falta de infraestrutura no bairro Santos Reis foi um tema amplamente destacado pelos entrevistados, evidenciando que a evolução do local está intrinsecamente ligada aos desafios da segregação socioespacial. A entrevistada 2 relatou as condições precárias que enfrentavam na década de 1960: "Muito ruim! Deus me livre. Não tinha luz, não tinha água, não tinha passeio, não tinha nada. A gente ia lá na cidade, calçava com sapato, levava outro par, e quando chegava lá em cima trocava aquele de barro por outro. Era assim que vivíamos".

Considerando que os resultados da pesquisa de Francisco (2010), revelam que o bairro somente foi incorporado no perímetro urbano na década de 1950, percebe-se que até a década de 1960 não houve mudanças significativas que melhorassem substancialmente as condições de vida dos moradores. É importante ressaltar que a expressão "a gente ia lá na cidade" supracitada pela entrevistada 2, reflete um sentimento de exclusão socioespacial persistente no bairro, mesmo após sua incorporação à malha urbana.

Esta situação pode ser atribuída às disparidades existentes entre o centro urbano e as áreas periféricas, especialmente em relação à infraestrutura e acesso aos recursos básicos. Ao serem indagados sobre como os habitantes enfrentavam a falta de infraestrutura, torna-se evidente que a dinâmica do bairro refletia a forma como os moradores produziam o espaço utilizando os recursos disponíveis em seu contexto. A população se organizava de forma cooperativa, compartilhando os recursos e os locais de uso em comum:

É água tinha cisterna, poço. A gente tirava no poço. E para lavar roupa ia lá no meio daquele pasto que tem do lado de lá. Agora não é mais pasto, agora é casa né, também. Era lá que nós lavávamos roupa. Aí chegava lá estava de fila, cada um com uma bacia de roupa para lavar. Aí nós chegávamos e nos sentávamos. Aquela que chegou primeiro, lavava. Era desse jeito (Entrevistada 2).

A entrevistada 4, corrobora com o uso das minas devido à falta de água encanada e destaca que sua mãe trabalhava como lavadeira para o ex-prefeito de Alfenas, José Wurtemberg Manso, que coordenou a cidade por três mandatos:

“Nós subia (subíamos) esse morro, a minha mãe na época lavou roupa muito tempo pro Beg. A gente saía daqui dos Santos Reis e atravessava a praça com mala de roupa na cabeça. Lavava na mina, não tinha água encanada dentro de casa. Ele morava lá perto da Igreja Aparecida e a gente subia o morro. Às vezes encontrava com um engraçadinho na rua, nós ficava (ficávamos) com aquela mala na cabeça e eles ainda jogava a mala da gente no chão”.

Outro elemento que continha na paisagem do bairro eram as casas de pau-a-pique (figura 6) e sapé.

Figura 6: Casas de pau-a-pique e barro no Santos Reis.



Fonte: Cenas do filme gravado no local, década de 1960.
Organização: Keylla Patrícia (2010).

A entrevistada 2, conta que antes do bairro passar por uma reforma ela morou em uma casa de pau-a-pique e, apesar das dificuldades, ela expressa uma sensação de satisfação e nostalgia ao relembrar:

Não, a casa que eu morei quando me casei era feita de pau-a-pique. Pau-a-pique, ao invés de colocar o tijolo colocava os paus, aí ia colocando o barro e ia virando uma casa. Era a coisa mais difícil do mundo, gente. Porque fazia e rebocava as paredes, colocava as telhas, o fogão era de lenha, tinha que carregar lenha na cabeça lá do meio do pasto que não tinha casa nenhuma. Aqui embaixo, virando essa rua aqui não tinha nada. Era só um buraco assim. A gente virava um buraco e saía lá em cima. Com o pé cheio de barro. E ali tinha um barro, um barro meio amarelado, bonito sabe? Toda sexta-feira de tarde a gente ia lá e colocava dentro da bacia para rebocar a parede do fogão, porque as cinzas faziam ficar muito preto as coisas. Aí a gente ia rebocando o chão de uma vez. Eu achava tão bom aquilo.

Segundo o entrevistado 3, afirma que essas casas existiram até poucos anos atrás, quando o governo federal realizou um projeto de reformar as casas do bairro, no qual tinha que pagar apenas um a taxa por mês para participar. O entrevistado 5, confirma dizendo que se recorda deste projeto ter ocorrido no início da década de 2000:

Quando eu saí daqui, e depois voltei, nossa... aqui tá excelente foi. Depois teve uma um projeto do governo Lula, de ajudar a reformar as casas. Sabe, as casas lá eram muito simplórias, depois deu uma ajeitada e as casas ficaram lindas, ficou muito bom. Foi um dinheiro que chegou na hora, o pessoal estava precisando. [...] foi na faixa de 2003 a 2009, foi essa data. Foi um dos melhores projetos que já teve! (Entrevistado 5).

Anterior a este período, Francisco (2010), revela que foi necessário realizar a regularização fundiária dos terrenos do bairro, na qual ocorreu gradativamente ao longo de 25 anos, começando em 1957, na gestão do prefeito João Januário Magalhães, continuando em 1963 na gestão do Dr. Samuel de Vilhena Valadão, e em 1979 na gestão de José Wurtemberg Manso, conhecido popularmente como Beg. Neste contexto, a prefeitura de Alfenas aforou os terrenos a seus ocupantes. De acordo com o Código Civil da Lei nº 3.071/16, no artigo 678, considera-se aforamento:

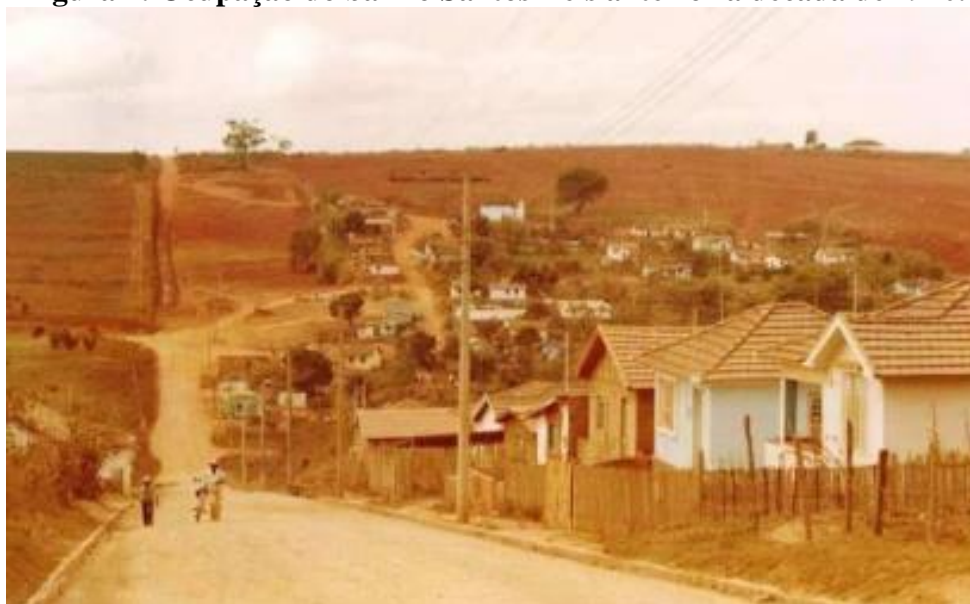
“Dá-se a enfiteuse, aforamento, ou empraçamento, quando por ato entre vivos, ou de última vontade, o proprietário atribui a outrem o domínio útil do imóvel, pagando a pessoa, que o adquire, e assim se constitui enfiteuta, ao senhorio direto uma pensão, ou foro, anual, certo e invariável”.

Neste caso, a Prefeitura de Alfenas transferiu o domínio útil dos terrenos aos moradores, possibilitando reformas e melhorias no bairro. O entrevistado 5, que se mudou para São Paulo na época que o bairro sofria com a precariedade, relembra de forma positiva, como foi retornar e encontrar essas mudanças:

“Nossa, quando a gente saiu daqui não tinha asfalto. Quando a gente retornou já tinha asfalto, água encanada... aí já era outro Santos Reis. Depois nós tivemos uma sorte muito grande de ter ganhado, de um cara que era super humano, que faleceu, era o Beg (JOSÉ WURTEMBERG MANSO)... ele deu uma estrutura muito boa nos Santos Reis. Foi um dos caras que asfaltou, que ajudou a chegar água até o local. Ele foi um dos prefeitos que ajudou o bairro Pinheirinho. Hoje o Pinheirinho é... aquele pedaço de Alfenas ali...Ele deu terreno para a turma fazer ali...muito bom. Ele foi um dos melhores prefeitos que a cidade de Alfenas já teve. O Beg ajudou muito nosso bairro. Nossa, aí depois veio a turma do PT que ja foi engajando... foi chegando o PSF para lá, foi chegando o Cras lá também, foi chegando o transporte público que começou a transitar lá. Hoje nós estamos bem tranquilos, aqui no Santos Reis.

Diante dessas intervenções, percebe-se como foi fundamental o apoio do poder público nas áreas periféricas que foram excluídas dos projetos de modernização urbana, iniciados pela elite alfenense em 1920. Ainda que supostamente as medidas tenham sido realizadas com o objetivo de trazer melhores condições de vida aos moradores do bairro Santos Reis, somente foram implementadas após o início da formação do bairro de classe média alta, Jardim Aeroporto, na década de 1970 (figura 7).

Figura 7: Ocupação do bairro Santos Reis anterior à década de 1970.



Fonte: Memória de Alfenas.

Para as entrevistadas 1,2 e 4, a chegada do Jardim Aeroporto foi positiva para o bairro em termos de geração de empregos e melhorias do espaço: “O bairro melhorou, porque emendou. O Santos Reis ficou no meio. Agora é tudo mais limpo!” (Entrevistada 1). “Ajuda, porque as meninas, as mocinhas que quer trabalhar não procura para lá para o lado da cidade, procura aqui que é mais fácil para elas” (Entrevistada 4).

Isso aqui era só um pasto quando eu vim para cá, não tinha nenhuma casa. Era só um pasto que você olhava assim e a vista era só um pasto. Depois, olha para você ver, uma cidade. Tem o Aeroporto aqui, tem o outro do lado de lá. Lá do outro lado tem um condomínio também muito bacana, né? [...] Tem muitos que moram aqui e trabalham ali (Entrevistada 2).

Em contrapartida, o entrevistado 5, acredita que de alguma forma as reformas realizadas no bairro tenham ligação com a chegada do Jardim Aeroporto e do condomínio:

E hoje em dia, por exemplo, a gente repara lá no São Reis, ali nos arredores, né? Tem aqueles residenciais e o Jardim Aeroporto. Eu acho que na época da reforma das casas, era mais por necessidade. As casinhas precisavam ser ajustadas para que o bairro pudesse se desenvolver. Então, falando por mim, acho que foi isso que aconteceu. Não

conversei com quase ninguém, mas se os responsáveis dissessem que iam implementar um projeto no bairro, primeiro tinham que dar uma ajeitada nas casas. Pintaram os meios-fios, arrumaram as casas, e deram uma atenção totalmente diferente para o local (Entrevistada 5).

Sobre essas intervenções promovidas pelo Estado, Caldeira afirma que este modelo centro-periferia apresenta uma aproximação física entre as classes sociais, porém, há um grande distanciamento psicológico e social. Neste contexto, pode-se dizer que as transformações ocorridas no bairro Santos Reis, bem como sua zona periférica em torno, aproximaram os grupos sociais, mas, ao mesmo tempo, os separaram por muros, tecnologia, medidas de segurança e interação em áreas em comum. Assim, na visão do autor, o principal instrumento desse novo padrão de segregação são os espaços privatizados, como o condomínio Floresta, que enquadra no que ela define como “enclaves fortificados”, isto é, espaços privatizados e monitorados, criados especificamente para residência, consumo, lazer e trabalho.

Figura 8: Adensamento na zona periférica de Alfenas



Fonte: Evânio dos Santos Branquinho (2023).

Na figura 8, percebe-se o adensamento urbano na zona periférica da porção leste de Alfenas, estando situado à esquerda o Residencial Floresta, no meio, o bairro Santos Reis e, à direita, o Jardim Aeroporto. A partir desse cenário, conclui-se que a zona periférica de uma cidade pode reunir níveis de realidade ou intensidade em momentos diferentes no decorrer do seu movimento de formação. Mas, na escala bairro, principalmente periférico, acontece o que Silva (2021), retrata como problemática social: está geograficamente distante do centro da cidade, denominado periferia e possui em sua maioria uma população de baixa renda e status sociais, ou seja, popular, mas nem todo bairro periférico é popular e nem todo bairro popular é periférico.

7.2 Desafios Enfrentados

Outro desafio significativo enfrentado pelos entrevistados foi a questão do preconceito e da discriminação. Dentre os relatos, o que mais se destacou foi da entrevistada 2, que relatou como a falta de infraestrutura do bairro Santos Reis, que não tinha asfalto na época, influenciava suas experiências ao frequentar o centro da cidade. Para evitar andar com os sapatos sujos de barro, era necessário levar uma troca, o que já aponta para uma diferenciação social evidente. Além disso, a mesma entrevistada relatou um episódio de preconceito em seu antigo emprego. Trabalhando na casa de uma moça, responsável por todas as tarefas domésticas, ela vivenciou um momento de desconfiança:

Eu fui morar e trabalhar na casa de uma moça lá em cima, ela era sozinha, só ela e o filhinho dela. Então, era esquisito porque eu que tomava conta da casa, tudo por minha conta, roupa, passava e lavava. Ela precisava de uma blusa, de uma camiseta de noite e ela não achava, sabe que jeito ela fazia? Cadê a camisa assim, porque só você coloca a mão na minha roupa. Um dia eu falei para ela “você tá pensando que eu trouxe essa camiseta para mim? [...] Quer dizer que ela não estava confiando em mim. Pelo amor de Deus, era tudo muito difícil. Mas ainda é desse jeito (Entrevistada 2).

Esse relato ilustra o sentimento de desconfiança e a suspeita constante que os moradores de bairros periféricos enfrentam, especialmente em contextos de trabalho doméstico. A entrevistada não só enfrentou condições adversas de moradia e transporte, mas também o estigma associado ao seu local de residência.

Neste contexto, Silva (2021) argumenta que moradores de áreas não periféricas tendem a associar a violência e a marginalidade à situação da precariedade econômica. Em locais caracterizados pelo caos e pela falta de acesso às necessidades básicas, os residentes enfrentam além das dificuldades materiais, o preconceito, sentimento de exclusão e vulnerabilidade. Como agravante a esses problemas, tem a presença limitada do poder público na oferta de serviços, resultando na sensação de desamparo e desigualdade entre os habitantes dessas áreas.

O entrevistado 5, confirma essa teoria ao responder se acreditava que o bairro tinha influência na discriminação “Ajuda, por exemplo, eu sou do Pinheirinho. Sou um homem negro, mas eu sofri preconceito por morar no Pinheirinho e ir para o centro com o pessoal”. Isso reforça a ideia de que o preconceito está intrinsecamente ligado às áreas periféricas, independente destas estarem próximas a bairros de classe alta.

Ainda que as transformações do espaço urbano tragam a sensação de que os tempos mudaram e a realidade dos bairros também, ainda persiste o impasse da questão racial. Quando

questionado se o crescimento dos bairros causou alguma mudança na existência do racismo, o entrevistado 5, reflete:

Na realidade não melhorou e nem piorou. Na realidade só está jogando debaixo do tapete. [...] Neto sendo chamado de macaco na escola, de trombadinha. Eu tenho uma sobrinha que recentemente foi chamada de macaquinha. Nunca acaba e nunca vai acabar! Eles só jogam debaixo de alguma coisa. Mas quando as coisas começam a mudar, jogam tudo em cima da gente de novo. É complicado... são 16 anos que eu tô tentando! Eu faço um trabalho legal! Eu mexo com eventos. Na consciência negra do ano 2022 deu muita gente. A gente deu 1000 marmitas de feijoada. Muito samba, sabe? Muita coisa boa! Com palestra, trouxemos palestrantes de fora para falar do racismo. Eu também gosto muito de trabalhar essa parte. Acho que a discriminação é uma coisa que arrebenta com a gente! Eu já fui discriminado, minhas filhas foram discriminadas. Então essa coisa arrebenta com a alma da gente. Eu queria trabalhar dessa forma, ajudar. Eu sei que não vai acabar com o racismo, mas a gente tem que fazer alguma coisa. Se nós não fazemos alguma coisa frente ao racismo, vocês são iguais a eles (Entrevistado 5).

Esse relato evidencia a persistência e a profundidade do problema do racismo nas comunidades urbanas. Mesmo com a evolução do espaço urbano e o crescimento dos bairros, a discriminação racial continua enraizada, manifestando-se de maneiras sutis e explícitas. O entrevistado expressa uma sensação de que as questões raciais são frequentemente ignoradas ou minimizadas, sendo "jogadas debaixo do tapete". As experiências relatadas, como os insultos raciais direcionados ao neto e à sobrinha, destacam a natureza persistente e traumática do racismo, que não apenas perdura ao longo do tempo, mas também ressurgue quando há mudanças ou tensões na sociedade. Isso sugere que, apesar de quaisquer avanços superficiais, a verdadeira mudança exigirá uma abordagem mais profunda e sistemática para enfrentar e eliminar o racismo estrutural e as suas manifestações cotidianas.

Além desse fator, o entrevistado 5, menciona o desafio de levar projetos para o bairro:

Você pode acreditar em quase ninguém fala então eu acho que o desafio do bairro levar o pessoal daqui do centro tá dentro da periferia com a cabeça diferente para fazer as duas coisas para ter uma um desafio legal. Senão as coisas corretas para eles, você entendeu? O que realmente é a vida. Principalmente para essa criançada que tá longe que tava mexendo com droga que a gente todo bairro nessa o bairro que a gente mora, mas é uma coisa absurda que tá andando acontecendo, né? (Entrevistado 5).

Apesar da segregação socioespacial que o bairro sofria antigamente, os moradores não deixavam de interagir com os outros espaços da cidade. Na história tradicional de Alfenas, o Clube XV e Vila operária marcaram a juventude da população, com os bailes, concursos, festas e jantares. Vale ressaltar que no Clube XV, segundo Martins (2016), era proibida a entrada de pretos e pobres. Assim como no Vila operária, era proibida a entrada de brancos. Essas medidas foram desfeitas com o tempo, abrindo espaço para toda população frequentar: "Pulei carnaval demais lá, era bom demais. Você lembra do operário? Pois é, tinha o operário também que era uma

beleza. Era onde é o supermercado São Paulo. O carnaval ali era a melhor coisa do mundo” (Entrevistada 2).

Em relação a mobilidade urbana, a entrevistada 2 e 4 relatam que foi um grande problema até pouco tempo atrás. O fato de não ter ônibus que passasse no bairro, resultava em dificuldade de locomoção, principalmente porque o bairro está localizado em um morro:

Nossa não tinha ônibus, eu acho que não faz tanto tempo que chegou. Agora que os bairros aumentou (aumentaram), foi aumentando e aumentando que teve assim diário. Nós subia (subíamos) esse morro, a minha mãe na época lavou roupa muito tempo pro Beg. A gente saía daqui dos Santos Reis e atravessava a praça com mala de roupa na cabeça (Entrevistada 4).

Contudo, quando questionada sobre críticas ao bairro, a entrevistada 2 mencionou apenas a questão dos ônibus. Ela destacou que o transporte público começou a atender o bairro após um evento para coletar sugestões de melhorias:

Ah, porque a única coisa que não tinha era circular. A gente só andava a pé. Aí um dia não sei o que teve ali na porta da igreja que se tinha alguma coisa para reclamar era para falar. A primeira coisa que eu falei foi da circular, que não tinha para levar nós lá para cima. Não demorou nada, eles fizeram isso! (Entrevistada 2).

Isso demonstra como os processos participativos na formulação de medidas mitigadoras para os bairros refletem um compromisso social de desenvolvimento urbano, integrando a visão técnica da cidade com as necessidades comunitárias.

7.3 Identidade cultural e religiosa

Embora as disparidades socioespaciais tenham impactado as condições de vida da população do Bairro Santos Reis, a comunidade não apenas resistiu, mas também demonstrou resiliência em suas práticas sociais, religiosas e culturais, desenvolvendo uma identidade singular através da celebração tradicional da Folia de Reis. Nesse contexto, é fundamental explorar como esses marcos simbólicos não apenas fortaleceram, mas continuam a promover a coesão social dentro da comunidade.

A princípio, os relatos revelaram que assim como o bairro passou por transformações ao longo das décadas, a igreja considerada o marco simbólico, também recebeu uma série de reformas para sua ampliação:

A igreja também era pequenininha. Não tinha passeio, não tinha nada. [...] A igreja não tinha passeio, era pequena quando eu me casei, depois foi aumentando, cimentaram em volta, mas primeiro não tinha nada não. [...] Fico lembrando. Tinha o

marido da gente. Ele gostava muito de enfeitar as coisas. Eu limpava a igreja e ele enfeitava a igreja. Agora faz muito tempo que eu não vou na igreja. É bonita a igreja por dentro (Entrevistada 1).

Uma imagem que ilustra bem a igreja quando não havia infraestrutura no bairro é a do filme gravado na década de 60 (figura 9), onde mostra a igreja pequena rodeada por cercas e estacas. Se comparada com a fotografia da igreja atual (figura 10), percebe-se que a igreja foi descaracterizada após as reformas na década de 1980.

Figura 9: Capela Santos Reis na década de 1960 **Figura 10: Igreja Santos atualmente**



Fonte: Keylla Patrícia Francisco, 2010.



Fonte: GREGORIO, D. H. S., 2022

As mudanças realizadas suscitaram questionamentos entre os entrevistados sobre a autenticidade da datação centenária da Igreja Santos Reis, uma vez que as intervenções não preservaram sua arquitetura original, conforme mencionado por uma das entrevistadas:

Porque a Igreja dos Santos Reis não era aquela igreja, porque se fosse a primeira mesmo, histórica, ia ser a mais famosa do Brasil, mas infelizmente... É famosa por causa da Companhia de Reis. Para nós é famosa, é um símbolo do bairro. Mas, antigamente eram casinhas tristes, casas que eles falavam que era de pau a pique, casinha de sapé, antigamente no comecinho do bairro (Entrevistada 4).

Sobre o uso atual da igreja, a entrevistada 2 destaca que a frequência de missas diminuiu consideravelmente devido à escassez de padres, que precisam cobrir três igrejas: Santos Reis, Rosário (Jardim Aeroporto) e Vila Formosa. Ela observa que a comunidade do bairro não se incomoda com essa situação, pois poucos moradores comparecem às missas:

Eles aqui não esquentam muito a cabeça com isso não. Não é que a gente está falando mal não, é que a gente vai lá e se tiver é três ou quatro pessoas daqui do Bairro. O pessoal não é de ir à missa. Não sei o que eles pensam. A turma que mais vem aqui na missa é do Jardim Aeroporto. Mas aqui do bairro mesmo não vai quase ninguém mais não.

É interessante observar essa dinâmica de interação entre os moradores do bairro Santos Reis e do Jardim Aeroporto em relação ao uso da igreja. Enquanto a comunidade local do Santos Reis parece menos engajada nas práticas religiosas cotidianas, os moradores do Jardim Aeroporto mostram que essa interação entre diferentes grupos dentro da mesma igreja destaca a complexidade das relações de participação mais ativa, frequentando regularmente as celebrações na mesma igreja. Essa interação entre diferentes grupos dentro da mesma igreja revela as diferentes maneiras pelas quais os habitantes de bairros distintos se relacionam, neste caso pode ser pela proximidade geográfica ou pelas práticas religiosas da comunidade.

Além da igreja, a identidade do bairro está relacionada a tradicional Folia de Reis, uma comemoração de caráter profano e religioso que faz parte do ciclo natalino, sendo realizado do dia 24 de dezembro a 6 de janeiro, para festejar o nascimento de Jesus. Os entrevistados relataram com orgulho como era esse movimento no passado que ainda acontece anualmente:

Olha foi um dos períodos mais bonitos que teve na cidade de Alfenas. Não é para me gabar, não, porque é o meu bairro. Na época, não tinha asfalto, era um barrão... chovia demais antigamente. Então a gente fica debaixo da figueira, era uma mãe, sabe? Ela era enorme! A figueira era uma mãe que acolhia todo mundo, porque começava a chover e o povo começa a correr para debaixo dela. Parecia até uma coisa de Deus. Chovia no bairro, e onde a gente tava não chovia, só uns pingos... Aquele barrão, aquela turma toda descalça...aquela festa...aquelas companhias de reis, onde todo mundo fazia fila para cantar, com umas vestes mais bonitas que as outras. umas pessoas chorando. E tinha aquelas barracas de folha de bananeiras. Nossa, era uma coisa extraordinária! Só a gente mesmo que viveu aquela época pode dizer como era aquela festa. Vinha gente de todo lugar, de Machado, de todo município...aquilo ali fervia de gente. E nós trabalhávamos de garçom, ajudava de garçom (Entrevistado 5).

Ao ser questionada sobre o impacto da Folia de Reis na união dos moradores, a entrevistada 4 expressou com entusiasmo como essa tradição se mantém vibrante e significativa na comunidade. Ela descreveu as celebrações, enfatizando a importância da fé e das práticas rituais que acompanham o evento. Para ela, o Dia da Companhia de Reis na igreja é um momento de profunda espiritualidade, onde os moradores se reúnem para participar da missa cantada e fazer suas petições aos santos:

Demais da conta, demais. É porque vocês não vêm aqui no dia da Companhia de Reis, se você vir aqui na igreja filmar essas coisas você fica encantada pelas coisas que acontece no Dia do Santo. É missa cantada com a folia de Reis. É pela fé, a gente tem muita fé. A gente oferece café, tipo assim, você faz um pedido, você alcança aquela

graça aí... você fala: se eu conseguir um emprego, você vai lá, pede para o santo, aí você alcança a graça e paga o almoço, jantar, café da manhã, essas coisas (Entrevistada 4).

Em suas palavras, a entrevistada 4 destacou a tradição de oferecer alguma refeição ao alcançar uma graça. Sobre isso, Tremura (2005), explica que existe um tipo de relação entre os participantes e os seres divinos, entre os quais é proposto “um triângulo de fé inspirado em reciprocidade onde promessas transformam-se em bênçãos, proteção, e recompensas para aqueles que determinadamente cumprem suas promessas com os Reis Magos” (p. 2).

Nessa tradição, um morador do bairro que já faleceu, recebeu um grandioso destaque por organizar as festas de Folia de Reis. O Jorge Lourenço, foi mencionado diversas vezes durante os relatos dessa comemoração, sendo uma figura que marcou a vida da comunidade local:

O Jorge Lourenço, das festas que teve mais sucesso foi com ele. Ele era fora de série, um homem... ele falava com você e se bobear você chorava...ele começava a falar uns versos, mas só se fosse com a sua cara. Se ele fosse com sua cara, fazia de tudo para você. Chegávamos na casa dele e era tudo do bom e do melhor. Ele era um rapaz sério, só não podia pisar no pé dele. Mas como pessoa e como ser humano. Hoje, nós temos lá um aquele barracão no Santos Reis que estão fazendo, em homenagem ao Jorge Lourenço (Entrevistado 5).

A entrevista 2, também fez referência ao Sr. Jorge Lourenço em suas narrativas sobre a Folia de Reis: “Ele era uma pessoa boa demais, muito divertido! Saía todos os anos com a companhia de Reis, com o Congado. Ele era muito divertido!”. Ao perguntar se havia diferença entre o Congado e a Folia de Reis, ela explicou que a diferença está principalmente no modo como os foliões comemoram: “A folia de reis eles cantam nas casas e o Congado é na rua. Eles fazem na rua os negócios deles lá”. Sobre isso a entrevistada 4, afirma que o Congado não é uma cultura tão forte quanto a Folia de Reis no bairro:

O Congado não foi muito para frente assim, porque as pessoas não interessou (não se interessaram) muito no Congado, as pessoas interessava (interessavam) mais na companhia de Reis. [...] O Congado tinha que ter moça também, os mocinhos e essas mocinhas de hoje em dia não vai (vão) querer se pôr de fantasia e ficar dançando (Entrevistada 4).

De acordo com Rovai (2015), historicamente a Congada ou Congado vem do termo congo, que significa congar, dançar, expressão própria dos festejos do Antigo Reino do Congo, na África Central, para comemorar nascimentos de príncipes e colheitas bem-sucedidas. Segundo Souza (2002), uma vez convertidos ao catolicismo, os negros realizavam celebrações religiosas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário, que incluíam a eleição de reis negros e outras

festividades associadas. Essas tradições eram comuns em quase todas as regiões que receberam escravos africanos. Isso demonstra como os escravos africanos incorporaram e adaptaram elementos do catolicismo em suas práticas culturais.

Já a Folia de Reis, segundo Barbosa e Filho (2022), tem origem europeia, retrata a jornada dos Três Reis Magos até Belém, integrando cantos, danças e representações teatrais em uma celebração que se estende do Natal até o Dia de Reis. No Brasil, essa manifestação popular completamente independente tem sobrevivido anos sem a interferência da Igreja.

Além de promoverem a união entre os moradores, essas práticas culturais e religiosas preservam a memória coletiva e reforçam o senso de pertencimento e identidade. Assim, demonstra também a capacidade resiliente da comunidade por ter criado essa identidade cultural enquanto enfrentava os desafios das transformações socioespaciais.

7.4 O bairro atualmente

É importante pensar que a configuração atual do bairro ultrapassa as barreiras físicas, pois inclui a visão dos moradores sobre seu local de vivência. Ainda que não tenha sido encontrados dados estatísticos sobre o bairro no portal IBGE, cabe retratar como está o bairro atualmente com base nas transformações que teve ao longo de sua evolução.

As reformas realizadas foram benéficas para comunidade, pois permitiram a melhoria das condições de vida, deslocamento e acesso a recursos como saúde e atividades ao ar livre. Para isso, o bairro conta com uma unidade Programa Saúde da Família (PSF), com uma equipe de médicos e enfermeiros.

Sobre o lazer, existe o parquinho para as crianças em um lugar arborizado, próximo a mina d'água que construíram para a população local, bem como a população de outros bairros, pegarem água para consumo (figura 11 e 12). Além disso, apesar das transformações ocorridas, o bairro ainda detém de uma certa ruralidade na paisagem com a criação de cavalos (figura 11).

Figura 11: Área de Lazer (Parquinho) Figura 12: Mina d'água 'Santos Reis



Fonte: GREGORIO, Débora H. S (2023).



Fonte: GREGORIO, Débora H. S (2023).

As áreas verdes próximas ao córrego da Pedra Branca tiveram suas áreas reduzidas pela construção das casas, no entanto ainda é possível observar uma extensa linha que garante a estética da paisagem, manutenção do córrego e a qualidade do ar no bairro (figura 14). Do ponto de vista dos moradores, o espaço do bairro se encontra ótimo em vista do que era antes, sobretudo, em relação às melhorias na infraestrutura, como a pavimentação das ruas, acesso a água encanada e a instalação de energia elétrica (figura 13). No entanto, há algumas questões atualmente que ainda gostariam que melhorasse.

Figura 13: Via pavimentada entre o Santos Reis e o Residencial Floresta

Figura 14: Mata ciliar preservada.



Fonte: GREGORIO, Débora H. S (2023).



Fonte: GREGORIO, Débora H. S (2023)

Em frente ao local, foi construída recentemente uma pista de caminhada que facilita o acesso dos moradores ao supermercado Alvorada, já que antes de abrir essa pista, era necessário realizar uma volta no bairro para conseguir acessá-lo. A entrevistada 1 e 4, também pontuaram que antigamente não havia comércio no bairro, por isso, tinha que subir até depois da linha de ferro para comprar: “Lá para cima, tinha o supermercado do Engel. Era o mais perto que tinha. Subia o morrão. Eu falo para você, não foi fácil” (Entrevistada 1). “Era só o mercado central, tinha um tal de supermercado que chamava faixa azul, do Engel. Meu pai tinha mania de comprar de quilinho em quilinho para sustentar 10 filhos, mas não foi fácil não” (Entrevistada 4).

Nesse sentido, a entrevistada 2, elege como melhoria do bairro a existência de pequenos comércios, porque facilitou essa questão da distância: “Porque aqui, olha para você ver, já tem a padaria aqui embaixo, tem outra ali, a mercearia está ali, já tem tudo”. Contudo, ela ainda acredita que em termos de promoção de saúde, a unidade do bairro precisa melhorar:

Só que os postos de saúde, não sei se é só aqui, deve ser assim em todo lugar. Depois que você está quase morrendo que...não adianta uai. Esses dias chegou uma consulta para mim e eu não estava sabendo disso. Porque a gente deixa um retorno lá, mas já fazia muito mais de 1 ano. Eu falei que agora nessa eleição, nós vamos rasgar o pano. Porque se vai lá hoje, doente, eles marcam para você semana que vem. Mas se você está doente hoje, tem que ser hoje. Eu acho assim (Entrevistada 2).

Em relação a Folia de Reis, a entrevistada 4, revela uma preocupação no modo como as pessoas estão comemorando e afirma que antigamente a festa era melhor:

Era, porque antigamente era aquela festa gostosa, que não tinha sol, não tinha nada, mas era gostosa. Agora no dia de hoje, o que acontece, esse pessoal não sabe aproveitar. Sai briga, essas coisas, portanto nos dias de hoje a festa é até 1h da manhã, meia-noite, aí encerra. Antigamente amanhecia a festa, fazia aquelas barraquinhas, aquelas coisas bem antigas mesmo e era mais tranquilo (Entrevista 4).

Sobretudo, para concluir as entrevistas, foi perguntado aos moradores sobre suas expectativas para o futuro do bairro e se tinha mais alguma que gostaria de acrescentar. As respostas incluíram: “O que falta é colocar uns bancos para as pessoas se sentarem. É o que precisa. No mais, o bairro mudou muito graças a Deus, está muito bom” (Entrevistada 1). Sobre a questão social “Levar um curso para lá, para as crianças, fazer um trabalho específico para tirar as crianças das drogas” (Entrevistado 5). E por fim, o nível de satisfação após tanta luta “Bom, eu estou satisfeita com meu bairro. Vamos ver se essa turminha de hoje vai dar valor no bairro que nós temos. Porque aqui é um dos melhores bairros que está tendo. É um dos melhores, todo mundo fala! Espero que continue, que melhore mais ainda mais” (Entrevistada 4). Portanto, apesar dos desafios, os entrevistados em geral se mostraram satisfeitos com as mudanças no bairro, mas esperam por melhorias contínuas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se apresentar neste estudo a evolução do bairro Santos Reis diante das transformações urbanas de Alfenas, considerando os relatos de seus antigos moradores. Assim, pode-se dizer que os objetivos estabelecidos no início desta pesquisa foram alcançados. O objetivo principal realizou-se por meio da análise das transformações urbanas, destacando o modo de vida dos moradores tanto da cidade desde o final do século XIX, como do bairro Santos Reis, a partir de meados do século XX. Neste quesito, o levantamento de estudos de casos, ainda que poucos encontrados, foram essenciais para fundamentar as informações e posteriormente as entrevistas, comparar as experiências dos moradores do bairro para compreender como conseguiram lidar com as disparidades ao longo das décadas.

Com isso, foi possível responder o questionamento de como os moradores vivenciaram a segregação socioespacial no bairro, que foi tardiamente incorporado à malha urbana. A princípio, a população utilizava os recursos que havia disponíveis no território do bairro, como as minas d'água para suas próprias roupas e de outras famílias com maior poder aquisitivo, pois viram ali uma forma de fazer renda. Além disso, o barro encontrado em abundância nos terrenos, foram utilizados para construir as casas de pau-a-pique. E para pintar as paredes eram

utilizadas as argilas, encontradas no sopé do morro. Deste modo, foram criando condições de moradia e sobrevivência no local.

Em relação à interação social, esta ocorria por meio da simbólica Igreja, durante as missas que eram disparadamente mais frequentadas antigamente, e nas tradicionais Folias de Reis, uma tradição anual que o bairro aderiu e mantém viva até hoje. Diante disso, considero a população resiliente, pois, mesmo diante das adversidades, soube se reinventar e encontrar um modo de vida que lhes proporcionasse subsistência e uma identidade cultural única.

Os entrevistados também confirmaram o modo de ocupação do bairro, sendo por ocupação de terrenos que posteriormente foram aforados ou por compra a preços irrisórios. Parte dos entrevistados viviam no campo antes de se mudarem, na infância ou adolescência para o bairro. Ao chegarem no bairro se depararam com condições de vida precárias, inclusive de moradia. No entanto, as intervenções realizadas pelo poder público trouxeram diversas melhorias, principalmente nas reformas das casas, garantindo uma moradia digna.

Sobre isso, percebi diferentes visões dessas intervenções públicas. O grupo de moradores mais antigo, conseqüentemente de maior idade, encarou essas reformas como um ato de benfeitoria e solidariedade. O outro, composto por apenas um entrevistado, reconhece os impactos positivos que estes feitos trouxeram, mas acredita que as reformas das casas estão associadas a construção dos condomínios, pois em sua visão, foi um modo de arrumar o bairro, deixá-lo mais bonito e organizado, para atrair novos investimentos entorno.

Este mesmo entrevistado enxerga o bairro como uma potência e destaca que é importante trabalhar a questão do combate às drogas, fazer parcerias e explorar o potencial das crianças, apresentando como o mundo pode ser para elas. Os demais entrevistados tem sonhos e demandas diferentes, apesar de estarem satisfeitos, ainda acham que tem questões que precisam ser alinhadas, como a promoção de saúde e o cuidado que a turma mais jovem precisa ter para preservar as tradições.

Ademais, as entrevistas permitiram visualizar melhor as disparidades que existiam no bairro, ao mesmo tempo em que Alfenas se encontrava realizando projetos de desenvolvimento e modernização. Ainda que o centro da cidade não estivesse tão distante do bairro Santos Reis, a cidade se encontrou por décadas, dividida pela linha férrea, em que acima da linha estava a cidade, o fluxo de capital, os poderes aquisitivos, o espaço desenvolvido e, abaixo, se encontrava o espaço estagnado, repleto de precariedade.

Percebe-se em algumas narrativas que ao se referir ao centro, se referem “A cidade”, como se não fizessem parte dela. Desta forma, pode-se dizer a segregação socioespacial deixa

marcar de alguma forma e, quando um espaço é segregado, não é apenas o seu físico, mas também sua dimensão social, no caso, quem nele habita. A partir desta prática, pode surgir uma série de problemas e enfrentamentos, como o preconceito e a discriminação, seja pelo local que vive, por não compartilhar da mesma realidade ou pela questão racial.

No caso do bairro Santos Reis, todas essas esferas foram enfrentadas em algum momento da vida dos moradores entrevistados. Assim, pode-se dizer que os resultados trouxeram novas perspectivas sobre como a segregação socioespacial pode ser vivenciada por quem está inserida dentro e fora do seu contexto. A experiência dos moradores do bairro reflete diretamente as consequências da fragmentação urbana, evidenciando as disparidades entre aqueles que podem optar por residenciais fechados e aqueles que são empurrados para áreas com menos recursos.

Percebe-se que no caso de Alfenas, a fragmentação do espaço urbano tornou-se mais evidente com a instalação de residenciais fechados. Esses empreendimentos promovem a segregação voluntária, isto é, a autosegregação, oferecendo aos moradores a opção de se isolarem em espaços coletivos privatizados, administrados como condomínios. Isso resulta no esvaziamento do espaço público. Assim, ocorreu no caso da instalação do Jardim Aeroporto e do Residencial Floresta, adjacentes do Santos Reis, um o deslocamento de parte da elite do centro para residenciais fechados de alto padrão, estabelecendo simultaneamente novas centralidades.

Considerando que o bairro é uma unidade de análise fundamental para o planejamento urbano e a administração municipal, ficou evidente através dessa pesquisa que quando este não é inserido na malha urbana, fica isento de investimentos e infraestrutura. No caso do Santos Reis, essa segregação perdurou mesmo após sua inclusão. Desta forma é importante analisar essas unidades para compreender em maior escalar como esses fenômenos afeta as condições de vida de uma população.

Para aprofundar as análises dos bairros é necessário ter uma base de dados ou construí-la, visto que são informações inexistentes ou de difícil acesso, como foi no caso desta pesquisa, que poderia ter sido mais abrangente em termos das características da população do Santos Reis. Sendo assim, fica como sugestão para futuras pesquisas que podem ser realizadas neste local.

Por fim, ainda que o foco deste trabalho tenha sido a evolução do bairro Santos Reis, foi apresentado um outro lado da história alfenense, diferente daquele comumente conhecido que destaca apenas os feitos da elite. Nesta pesquisa, o destaque foram os feitos realizados por

um bairro que não fazia parte da cidade, de uma população que foi segregada por um dos seus feitos, a linha férrea e, com o passar dos anos, construiu uma identidade cultural que trouxeram memórias positivas em fases difíceis.

9 REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, ano 3, n. 4, jan./jun. 1998, p. 6-26.

AYER, Aspásia Vianna Manso Vieira. **A igreja na história de Alfenas: A fundação de Pedra Branca**. Belo Horizonte, 1991.

BARBOSA, Gemyrna Dantas; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. "Hoje é dia de Santo Reis" – Os "Três Reis Magos" e a piedade popular luso-brasileira. **Revista Fragmentos de Cultura** - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 32, n. 1, p. 143–153, 2022. DOI: 10.18224/frag.v32i1.8814. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/8814>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.

BRANQUINHO, Evânio dos Santos; BERNARDES, Rogério Souza. A paisagem e a produção do espaço na região do lago de Furnas-MG. In: BRANQUINHO, Evânio dos Santos; BERNARDES, Rogério Souza. **O Uso da Fotografia aérea com pipa na construção da geografia. Alfenas**. Universidade Federal de Alfenas, 2020, Cap. 3, p. 70-95.

CALDEIRA, T. P. R. Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. 3. ed. **São Paulo: Editora 34/Edusp**, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Segregação socioespacial e o "Direito à Cidade". **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 3, p. 412–424, 2021. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.177180. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/177180>>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CORREA, R. L. O espaço urbano. São Paulo: **Ática**, 1989.

DAMIANI, A. L. A produção do espaço urbano e a propriedade privada da terra. **Revista Continentes**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 12-24, 2016. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/revistaconti/index.php/continentes/article/view/136>>. Acesso em 24 nov. 2023.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa – 3ª ed. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1999.

GAMBI, Thiago Fontelas Rosado et al. O processo de urbanização no sul de Minas em transição. 2012. Anais. Belo Horizonte: **CEDEPLAR**, 2012. Disponível em: <<http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/seminarios/ecn/ecn-mineira/2012/arquivos/O%20processo%20de%20urbaniza%C3%A7%C3%A3o%20no%20sul%20de%20Minas%20em%20transi%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. A princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: **Annablume**, 2002.

HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/**Revista dos Tribunais**, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

IBGE. **Censo demográfico 2022**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 out. 2023.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

MARCUSE, Peter. Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o estado. Espaço e Debates, São Paulo, **NERU**, v. 24, n. 45, p. 24-33, jan./jul. 2004.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINS, M. L.; SAES, Alexandre Macchione; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. **Sul de Minas em urbanização: modernização urbana no início do século XX**. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2016.

MENESES, José Newton Coelho. **O continente rústico: abastecimento alimentar nas Minas Gerais Setecentistas. Diamantina**: Maria Fumaça, 2000.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 5. ed. Teresina: EdUESPI, 2021. E-book. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/download/55/45/283-1?inline=1>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NARITOMI, Joana. **Herança colonial, instituições & desenvolvimento: um estudo sobre a desigualdade entre os municípios brasileiros**. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Orientador: Rodrigo Reis Soares; Co-orientador: Juliano Junqueira Assunção.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. **COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO**, Rondonópolis - MT, v. VII, nº 8, p. 129-153, 2008. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/view/108>. Acesso em: 22 mar. 2024.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Rhafic Concolato da. Produção Do Espaço Urbano: Reflexão Teórica Sobre O Bairro Periférico E Popular. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 06, Ed. 04, Vol. 15, pp. 89-99, abril de 2021. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/geografia/periferico-e-popular>>. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/geografia/periferico-e-popular. Acesso em: 10 dez. 2023.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro**, n. 51, p. 139-172, 1989.

TREMURA, Welson Alves. **A música caipira e o verso sagrado na folia de reis**. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historis/iaspmla.html>. Acesso em: 10 dez. 23.

VASCONCELOS, Diogo Luiz de Almeida Pereira de. **História Antiga das Minas Gerais**. Prefácio de Francisco Iglésias. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VEIGA, Bernardo Saturino da. **Almanach Sul-Mineira para 1874**. Campanha, MG, Tipografia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

VIEIRA, Ilma Manso. "Fazenda Campo Redondo - a saga da família Vieira". **Jornal dos Lagos**, Caderno L, p. 2, 13 dez. 2008.

VILLAÇA, Flávio. **Reflexões sobre as cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2012.

Anexos

APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA / QUESTIONÁRIO

- 1) Fale um pouco sobre como o Santos Reis era antigamente.
- 2) Você sempre morou aqui no bairro?
- 3) Conte um pouco sobre a Folia de Reis.
- 4) O que você acha do bairro hoje em dia?
- 5) O que você deseja para o bairro? Acha tem algo para melhorar?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DIRETA DAS ENTREVISTA

Entrevistada 1: Terezinha Adriano Lourenço, 86 anos – aposentada.

Primeira pergunta: Como era o bairro antigamente e o que você acha que mudou de lá para cá até agora? Melhorou? É. O que mudou e como era antigamente? Sei. Antigamente a rua não tinha asfalto, não tinha nada, a gente pegava água lá embaixo e tinha que subir beirando a cerca, porque no meio era um rasgão assim no meio da rua e a gente passava com medo de cair. A igreja também era pequenininha. Não tinha passeio, não tinha nada. **Cabe mais gente agora.** É, pois é. Primeiro não tinha nada, era só aquele mato, aquele barro. Vou falar para vocês, foi muito custoso viu? **Foi custoso porque não tinha asfalto, não tinha água, luz e nada?** Não tinha nada não, não tinha asfalto, não tinha passeio, era tudo barro mesmo. **Aí tinha que lavar roupa na mina?** Tinha que lavar roupa no brejo lá embaixo. **Tinha mais minas onde vocês lavavam roupas?** Tinha mais 5, 6 minas. E aí vinha as mulheres lá de cima também lavar aqui. **Ah entendi, mas aí era concorrido!**

Você sabe a linha, ali onde era a linha de Ferro? Você não sabe não. **Sei. Na Praça da Estação.** É. Para baixo da linha de ferro até aqui, não tinha água, não tinha luz. Aqui era tudo escuridão. **E aí para cima da linha de Ferro, tinha luz e água?** Para cima da linha de ferro tinha luz, na cidade lá em cima, mas para nós aqui embaixo não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha nada, era barro. **E tinha água encanada lá em cima? Tipo na torneira, mais lá em cima, no centro?** Lá em cima? **É!** Lá tinha. Mas para baixo não tinha água encanada não. Tinha que pegar água lá embaixo. **E você lavava roupa para fora?** Eu comecei a trabalhar no 1º Hotel que teve aqui na cidade. **Qual era o nome?** Eu esqueci. O povo já morreu tudo! Agora está só os novos. Lá

não é pensão mais não. É família que mora lá. Os meus patrões mesmo já morreram muito. **E onde que é ficava esse hotel?** Tem o correio aqui. Você sobe e vai como se fosse para a praça. Assim, naquela casa amarela. você sobe. Aí ele vai com coisa que você vai para a praça. Ah sim aquela casa amarela. **Ah sim estou sabendo.** Então, ali que bem dizer eu fui criada, porque comecei a trabalhar com 9 anos. O 1º restaurante que teve foi lá, quando inaugurou a EFOA, não era a nova, era a velha. Aí quando inaugurou, aí que veio os estudantes para estudar lá na EFOA, ficavam onde que eu trabalhava. **Então era tipo uma pensão? Mas aí você lavava roupa para essa pensão? Lavava lá né? Lavava lá mesmo por que já tinha água encanada?** Já tinha água, lavava lá mesmo. Chegava em casa 11:00/11:30 da noite, chegava lá 6:30 no serviço. Ia correndo a pé. Não tinha condução, não tinha nada para subir o morro. Agora não aguento mais subir o morro. **Mas já subiu bastante também não é, Dona Tereza? Agora está bom!** É eu já trabalhei demais, precisava ver como trabalhei. Depois eu me casei, meu marido foi muito bom para mim, sabe? Criamos os filhos tudo. Nossos filhos não deram trabalho. O caçula morreu. Mas os outros estão tudo aí. Essas casas daqui até lá são todas dos nossos filhos. **Então seu marido comprou as terras e depois foi distribuindo para os filhos?** Aqui onde eu moro até lá embaixo, meu pai que me deu. Era do meu pai, aí ele pegou e me deu para o meu marido fazer a casa aqui. Aí ficou para lá três posses, uma de cada filho. **Entendi.** Era muito custoso, muito difícil. **Foi ficando tudo em família então?** É, tudo em família. Só que a da esquina não é minha não. É da minha sobrinha. Ela se casou com o sobrinho do meu marido. Foi indo ele morreu. Ela mora ali com pai, falou que ia fazer uma casinha para eles ficarem mais perto de nós. A casa dela, ela alugava para o meu sobrinho. As casas da esquina pra cá é tudo minha, o terreno era muito grande. **E o que você acha que mudou no bairro desde antigamente?** Mudou muita coisa. Não tinha rua, não tinha asfalto, nem carro ali não descia, porque tinha aquele buraco no meio da rua, nós tínhamos que passar assim, beirando a cerca e os vestidos garrava na cerca dos outros. Só sei que sofremos demais. Depois sabia até quem era o prefeito daqui que começou a reformar aqui pela primeira vez. **E seus filhos conseguiram frequentar a escola? Porque você não conseguiu, começou a trabalhar muito cedo. Mas e seus filhos?** Conseguiram. Só o mais velho que tirou o diploma e parou. Foi para roça trabalhar e ajudar. Agora os outros não, o caçula que morreu, os outros, tudo tiraram diploma, estudaram mais um pouquinho depois do 4º ano. **E você que levava para escola? Eles moravam aqui, nos Santos Reis. Então eles estudavam onde, no Dirce ou no Coronel?** Era no Dirce e no Coronel. **E você acha que foi difícil para eles irem para a escola?** Foi, tinha que pagar condução para eles irem. **Tinha? Tipo o ônibus?** Ah não, de primeira não tinha, eles iam a pé

mesmo, naquele barro, era tudo a pé. Pensa bem, agora as crianças de agora têm a Van que vem e pega eles aqui. Aí eu saía e o mais velho ficava cuidando dos irmãos na escola. Ele ia cedo com um, depois ele vinha correndo e dava almoço para eles aqui, eu deixava pronto, e eu deixava tudo prontinha a roupa dele e eles tomavam banho na bacia porque não tinha torneira não. Ele dava almoço para aquele que vinha e para o outro que já ia na parte da tarde. Ele mesmo ia correndo levar o irmão na escola e limpava a casa para mim, ele que dava almoço para as crianças, lavava a louça. **Interessante dona Tereza, ele ajudou muito a senhora.** Foi sofrido, foi sofrido! **E quando você era mais nova, você frequentava algum lugar para se divertir? Ia no centro?** Centro, como assim? **O centro da cidade.** As vezes quando tinha circo, meu marido gostava demais de levar nós, as crianças. No mais era só mais dentro de casa, íamos na missa dia de domingo. **E você ia nos bailes também que tinha no Clube XV?** Ia quando era solteira. Depois que eu me casei acabou tudo. **Você sentiu algum tipo de preconceito de quando foi no baile?** Ah, tinha muito né, tinha muito preconceito. O povo não respeitava muito, só Deus para ter dó. **E o do Vila operária você ia também?** Ia, frequentava mais era o da Operária. Mas de vez em quando, porque quando eu era solteira minha mãe não deixava. Aí me casei logo, foi quando veio o primeiro filho, aí que a coisa zangou e eu não saí mais. **Entendi. Você trabalhou a vida toda de diarista, faxineira?** Trabalhei lá nessa casa desde os 9 anos de idade até depois dos 70. **Então a senhora trabalhou no mesmo lugar, a vida toda.** Toda vida eu trabalhei só lá. **Aí conseguiu aposentar?** Consegui. **E sobre a igreja, o que você tem a dizer sobre ela? Sobre a Folia de Reis?** Tenho sim, a Folia de Reis...você nunca veio aqui na Dia de Reis? **Não, nunca vim.** Um dia você vem Dia de Reis para ver que beleza, tem muita companhia de fora. Primeira vez eles vão sair no Natal, primeiro sai da igreja. Aí a primeira casa é a minha que eles cantam. **Primeiro é a sua. É uma tradição?** De certo é. Primeiro eles cantam na igreja, depois vem aqui em casa. Até eu peguei e dei um café para eles tomarem, tudo direitinho. Interessante. **O que você acha que a Folia de Reis trouxe para o bairro?** A Folia de Reis, o que você vê, muitos davam um pouquinho de dinheiro para igreja. Aquele pouco de dinheiro, o homem que tomava conta da igreja, era um homem que morava lá para cima, já morreu. Agora quem tá tomando conta é o povo lá de cima, vem aqui quando vai celebrar missa, mas não está tendo missa aqui mais não. Está acabando tudo. Mas eu já tomei conta dessa igreja, de limpar, de varrer, tudo direitinho dia de sábado, depois do almoço, eu tinha que limpar da igreja e deixar tudo limpinho. **Quem cuidava da igreja eram os moradores do bairro?** Era. Agora passou para os da igreja lá de cima. É, a mulher que limpava de primeira mora ali para cima, no Jardim Aeroporto. É mais velha do que eu, como que ela

consegue? Ah vou falar para você, muito difícil! **E você acha que a folia de Reis transformou o bairro? Deixou mais alegre?** Isso é. Chega o Natal, eles vêm, cantam. Os colegas do Jorge vêm de Serrania por aí, primeira vez é aqui na igreja, depois vem aqui em casa cantar para mim. **Interessante, dona Tereza. Então quer dizer assim, que a folia de reis, como se diz, ela fez você conhecer pessoas de outras cidades?** Fez. Esses bairros por aí que saí. Conheceram meu marido, tudo. É muito bonito! **E o que você acha que teve de amis bonito aqui no bairro? Porque teve a parte triste, o bairro teve muita dificuldade. E de bonito?** Melhorou muito, graças a Deus melhorou muito. Que nem eu estava falando, vem o pessoal lá de cima limpar tudo. A igreja não tinha passeio, era pequena quando eu me casei, depois foi aumentando, cimentaram em volta, mas primeiro não tinha nada não. Quando for dia de Reis, você vem aí para ver. **Você também vai ou não?** Quando eu estou com muita coragem, eu vou na missa. **E na folia de Reis?** Eu vou também quando eles vêm, cantam para mim. É muito bonito. Bonito e triste, né? **É? Por que a senhora acha que é triste?** Porque eu perdi meu pai, perdi minha mãe, meus irmãos e eles tudo gostavam da folia de Reis. **Ah entendi, aí você fica lembrando.** Fico lembrando. Tinha o marido da gente. Ele gostava muito de enfeitar as coisas. Eu limpava a igreja e ele enfeitava a igreja. Agora faz muito tempo que eu não vou na igreja. É bonita a igreja por dentro. **Dona Tereza, o que você acha do bairro Jardim Aeroporto aqui perto?** O bairro melhorou, porque emendou. O Santos Reis ficou no meio. **Mas você acha que ele trouxe alguma coisa boa para o bairro?** Trouxe, porque agora é tudo mais limpo. Agora é tudo muito limpo, tinha varredeira de rua da prefeitura, agora não tem mais não. Agora a gente mesmo que a limpa. Tá limpinha a rua lá, não está? **Está, limpinha. E a senhora, chegou a trabalhar no jardim aeroporto?** Não. Essa que esteve, minha sobrinha, trabalha aqui no condomínio. E a outra, a irmã dela que eu criei, trabalha aqui no Jardim Aeroporto. Você nunca foi lá? **Fui, nele eu fui.** É mudou muito. Ficou muito bonito. Ah vou falar para você, a gente vai lembrando cada coisa bonita. **O que você acha da paisagem aqui do bairro?** Eu acho que melhorou muito! **Por quê? O que melhorou?** A melhorou muito. Melhorou! **Você acha bonita?** Sim, é bonita mesmo. **E o que você acha mais bonito no bairro?** A rua limpa, a gente não tinha. Asfaltada, tudo direitinho. Antes tinha varredor de rua, faz uns dois anos que não tem. A gente mesmo limpa a frente da gente. Esse que está de frente aí, não cimentou o passeio dele, aí quando chove traz tudo aquele bairro pra cá. Ele acha que é a prefeitura que tem que fazer. Mas não é. A prefeitura cuida da rua. O passeio é a gente. Aí meu filho que mora aqui, ele e a mulher dele que fizeram o passeio para mim. Com uma beirada mais alta assim, para quando chover não molhar. Mas foi sofrido viu? **Agora melhorou. Você acha que demorou**

para melhorar o bairro? Demorou. Eu vim para cá, meu pai vendeu a roça dele lá para poder comprar aqui. Lá na esquina, lá em cima que foi do meu pai. **E por que o seu marido é tão importante para o bairro? Todo mundo fala dele.** Não sei, não sei. Assim, ele gostava de ter amizade com todo mundo. Quando era época de eleição, o prefeito pedia para ele ajudar. Todo mundo o achava muito importante. Até outro dia, fizeram, vocês não viram não, tem uma creche e um terreno. Teve a festa na igreja, aí me ligou para eu cortar a fita lá. Bonito lá em cima. Tinha uma foto grande dele lá na Prefeitura que trouxeram e colocaram lá. A casa foi doada para ele. **Onde a senhora comprava as coisas?** Lá em cima. **Onde, você sabe?** Lá para cima, tinha o supermercado do Engel. Era o mais perto que tinha. Subia o morrão. Eu falo pra você, não foi fácil. **E você chegou a andar de trem aqui?** Já fui até para Aparecida do Norte nesse trem. Eu quando era solteira gostava muito de ir para Aparecida do Norte. Que eu ia até três vezes. **Hoje em dia a senhora não vai mais para lá?** Agora eu não vou já não tenho idade para ficar viajando. Não tenho coragem de ir nada. **Longinho, não é? É. Quanto tempo você gastava para ir para Aparecida do Norte?** Sempre eu ia de trem. A mulher que nos levava, morava ali na avenida. Mas já morreu! Ela que organizada a romaria todos os anos. A gente ficava na Estação. Aí o trem vinha e a gente ficava tudo lá. E o vagão do trem cheio, sabe? A gente ficava tudo lá. Eu não sei por que, mas o trem chegava em Cruzeiro e tínhamos que pousar lá. Quando era no outro dia cedo, o trem passava e nós acabávamos de chegar em Aparecida. **Entendi, então vocês saíam daqui de manhã e chegavam em Cruzeiro quase a noite?** Chegávamos de noite. Não sei por que, deve ser porque o trem ficava parando. **Aí no outro dia pegava outro trem ou ônibus para terminar de chegar?** Era trem. **E Dona Tereza, porque você acha que lá em cima, na igreja matriz tinha água, tinha luz, mas não tinha aqui?** Não sei. Porque demorou para chegar aqui. Demorou, os moradores daqui não gostavam de ficar falando, reclamando, o povo aqui era muito simples. **Entendi. Vocês usavam luz de querosene e vela?** É! Luz de querosene, vela, é o que nós usávamos. Depois vieram e colocaram a luz aqui. **Você acha que atrapalhou sua vida por não ter luz e água aqui?** Não atrapalhou não, eu era nova, tinha força para andar, força para carregar lata d'água na cabeça. Agora graças a Deus eu estou aqui. **E o que você acha de Alfenas?** A cidade tem bairro demais, cresceu. Todos os anos eles fazem um almoço. Em um bairro onde não sei te falar onde que foi. Daqui do postinho, foram dois ônibus e bastante carro cheio. Eu, minha nora e meu filho fomos em uma van. Mas gente desse tanto nunca vi na minha vida. Um almoço muito bom. Nos serviram as coisas de comer o dia inteiro. Cheguei lá foi o café. Depois foi o almoço. A moça do postinho que ajudava. **O que você sentiu quando você estava na van e foi vendo a cidade?** Uai, eu me

senti feliz. **Por quê?** Vi as coisas bonitas, para lá estava muito bonito. Tá aumentando a cidade, está quase chegando em Machado, Paraguaçu primeiro né? De lá vai embora. O meu sobrinho mesmo, a filha da patroa da mãe dele, foi madrinha dele, morreu semana passada. E ela foi madrinha dele. E ele trabalha em uma loja dela para lá do supermercado. Para lá do supermercado tem casas que você precisa de ver. Tem muita casa, de guardar as coisas. E estão fazendo mais! Nós passando e os pedreiros tudo lá em cima. **Quando tinha o bairro aqui antigamente, quais outros que tinham?** Tinha o bairro aqui. E o primeiro bairro que teve foi da Vila Formosa. **Tem mais alguma coisa que a senhora queira contar?** Não tem não, já falei da rua. **Tem algo que senhora acha que pode melhorar no bairro?** Tem. **Mas o que?** O que falta é colocar uns bancos as pessoas se sentarem. É o que precisa. No mais, o bairro mudou muito graças a Deus, está muito bom. **É isso então! Muito obrigada por ter nos dados a entrevista.**

Entrevistada 2: Vicentina Cândida Adriano, 79 anos – aposentada.

Dona Vicentina, gostaria que a senhora começasse falar de você e um pouquinho da sua vida. A minha vida morei na roça, fui criada na roça, lá na fazenda do Barbosa. Depois de mocinha eu vim para a cidade e trabalhei na Saliba muito tempo. Depois me casei, criei 6 filhos e depois de seis filhos criei 4 netos. Criei tudo! A vida não foi fácil não, mas eu tô aqui. **A senhora nasceu mesmo aqui em Alfenas? Foi! Com quantos anos você veio para cá, Dona Vicentina?** Aqui para o Santos Reis? **Isso, Dona Vicentina!** Ah, eu tinha por aí uns 13 para 14 anos. **E o que te motivou a vir para cá?** Eu já comecei arrumar namoradinho, assim eu vou correr do pai com a mãe. O pai era muito bravo! Não, estou brincando. Eu vim morar porque eu entrei na Saliba, né?! Então a mãe morava na roça, eu vim morar com a tia aqui. **E naquela época como que era o bairro aqui?** Muito ruim! Deus me livre. Não tinha luz, não tinha água, não tinha passeio, não tinha nada. Nossa a gente ia lá na cidade, ia calçava com sapato, levava o outro, quando eu chegava lá no alto tirava aquele de barro para colocar o outro. Era desse jeito. **A senhora lembra mais ou menos assim a época que foi que a senhora veio para cá? A década mais ou menos? Morar assim, definitivo? Isso! Anos 60, 70, 80?** Depois que eu me casei. Porque esse ano em maio agora passado, fez 61 anos que eu me casei. **Então foi anos 60 mais ou menos. É, direto aqui! E dona Vicentina, a senhora falou que aqui não tinha asfalto, não tinha nada. Como que o pessoal do bairro que se virava em relação a isso?** É água tinha cisterna, poço. A gente tirava no poço. E para lavar roupa ia lá no meio daquele pasto que tem do lado de lá. Agora não é mais pasto, agora é casa né, também. Era lá que nós lavávamos

roupa. Aí chegava lá estava de fila, cada um com uma bacia de roupa para lavar. Aí nós chegávamos e nos sentávamos. Aquela que chegou primeiro, lavava. Era desse jeito. **E tinha muitas casas, era a mesma quantidade de casas?** Não. Não tinha muito casa não. Imagina se tinha umas casas dessas. Era umas cainhas de Sapé. Ficava muito atrapalhadinho. Nem todos tinha casa boa aqui nesse bairro não. **E o pessoal que morava para cá, por que eles escolhiam esse bairro?** Desde quando eu me conheço assim, esse bairro aqui e todos que moram aqui, todos eram donos daquelas casinhas. Então faziam, eles iam chegando e iam fazendo as casinhas deles aí. **E o Dona Vicentina, quando que começou a mudar o Bairro? Quando que começou a asfaltar, ter água encanada?** Ah, eu não tenho ideia, mas faz bastante tempo. **E foi a prefeitura que veio aqui fazer ou foi reivindicação de vocês?** Eu sei que foi a prefeitura que fez. **Tem um condomínio aqui do lado de vocês. Mudou alguma coisa depois que esses condomínios apareceram aqui?** Eu acho que não. **O pessoal daqui tem relação com quem mora ali no condomínio?** Tem muitos que moram aqui e trabalham ali. **No Jardim Aeroporto também?** Tem. **Geralmente as pessoas trabalha do que lá?** Doméstica. **E dona Vicentina, vocês têm uma igreja aqui que é muito conhecida. Muito antiga por sinal. Conta um pouquinho dela para a gente, por favor.** Que eu me lembre, ela era bem pequenininha e na porta dela tinha uma cruz grande pregada. E aí com o tempo ela foi reformando, foi aumentando, agora está joia! **E vai muita gente daqui para lá? Tem muita missa?** Não, missa tem, mas o povo daqui não vai em missa não. **Por que, Dona Vicentina?** Até que agora não está tendo muito mais não, porque está com pouco padre, tem só padres e é, essa aqui, aquela do aeroporto, lá da Vila Formosa. Tudo por conta dos dois. Então não está tendo muito jeito de vir sempre. Até esses dias teve uma festa lá na igreja Matriz. Então, durante o tempo da festa não teve missa aqui. **Então foi umas duas semanas?** Foi. Agora me falaram que sábado agora começa de novo as missas. **E a senhora costuma ir bastante nas missas?** Eu não perco de jeito nenhum, sou da acolhida. **E além da igreja tem mais alguma manifestação aqui alguma festa alguma coisa que é típica do Bairro?** Festa Santos Reis, uma festa muito boa. Era, agora não está tendo muito mais não. É, dia da criança também tem uma festa boa aqui. Tudo eles fazem. **A senhora falou assim que a festa Santos Reis não está tão boa mais...** Não, não está porque no tempo do meu cunhado, que ele que fazia a festa, o Jorge Lourenço. **É o marido da dona Teresa.** É, e ele fazia tudo! Nossa vinha muita companhia de Reis. Agora não tem mais, inclusive nem a festa tá tendo mesmo. Esse ano não teve. **E quando que era essa festa?** Dia 6 de janeiro. **E ninguém tocou depois que o Jorge Lourenço faleceu? Igual a dele não.** Igual a dele não. A dele tinha barraquinha, tinha leilão. Nossa era

“A FESTA”, viu? Mas agora já caiu bem. **E foi uma perda para vocês? A senhora gostaria de falar um pouquinho sobre o Seu Jorge Lourenço?** Ele era uma pessoa boa demais, muito divertido! Saía todos os anos com a companhia de Reis, com o Congado. Ele era muito divertido! **Tem alguma diferença do Congado para Folia de Reis?** Tem. A folia de reis eles cantam nas casas e o Congado na rua. Eles fazem na rua os negócios deles lá. **E a congada começava aqui também ou ela começava em outro lugar e vinha para cá?** Não, aqui eles ensaiavam por aqui, mas ele saía para a cidade inteira. **E aí o pessoal que participava, tinha gente do bairro?** Tinha, até meus filhos tudo participavam. Era divertido. **Seus filhos moram aqui em Alfenas ainda?** Um Deus levou faz três anos. E o outro, o Caçula mora lá em Piedade, trabalha para lá. E aqui duas meninas e os dois meninos. Os rapazes moram aqui, mas são casados. A Diná se casou, mas ficou viúva, está aqui também. E a Adriana que é solteira, mora aqui comigo. **E elas continuam a tradição da Congada, dos Santos Reis?** Não, elas não, elas são meio sistemáticas. Depois que uma se casou, o marido não gostava de nada, ela se acostumou. **E se casaram e continuaram aqui no bairro?** Continuou. Quer dizer, no dia que ela se casou, uns meses eles moraram lá em São João da Boa Vista. Depois fizeram casa aqui e vieram para cá. Aí ficou aí até Deus levar. **E Alfenas, o que é Alfenas para a Senhora?** É um lugar muito bom, eu acho porque gente vê na televisão essas cidades, matando os outros, não sei o quê, não é mesmo? Alfenas, eu acho um lugar calmo, não ouvi falar muita coisa igual tem falado na TV. **E a senhora já teve alguma experiência ruim aqui em Alfenas? Na vida? No trabalho ou lazer?** Não. **E experiências boas?** Eu trabalhei né? Trabalhava muito em república. Nossa os meninos gostavam de mim, eu também gostava deles. Eram bonzinhos demais da conta. E depois eles foram formando, indo embora, aí eu comecei a trabalhar em casa de família, fazendo faxina, essas coisas. Quando não tinha pana de café, porque quando começava a panar eu ia para o cafezal e levava os filhos tudo comigo. **E a senhora intercalava entre doméstica e apanhadora de café?** É, para mim o que eu ganhava um dinheiro já ia, porque ia fazer o que né? Com 6 filhos. Só o marido trabalhando não tinha jeito. **Tinha que ajudar na renda.** É tinha que ajudar. **E foi por muito tempo assim?** Fiquei bastante tempo assim, mexendo com essas coisas. Depois eu parei, porque não aguentei mais mesmo. Me deu dor na coluna. Nossa eu ia passar pano na casa dos outros, não, falei que eu vou parar. Aí Deus teve dó, aposentei e falei, agora que eu vou ficar quietinha aqui em casa mesmo. **Dona Vicentina, eu queria voltar um pouquinho quando a senhora disse que quando vocês iam lá para o centro, vocês tinham que trocar o calçado. Quando a senhora chegava lá no centro notava alguma diferença de olhar? Tinha alguma coisa que a senhora percebia em**

relação ao pessoal que morava lá ou era tranquilo? Sim, eles nos olhavam meio esquisito sim. **E a senhora sabe por quê?** Ah, até hoje tem gente assim, não tem? Tem sim, mas é sempre assim. Eu fui morar e trabalhar na casa de uma moça lá em cima, ela era sozinha, só ela e o filhinho dela. Então, era esquisito porque eu que tomava conta da casa, tudo por minha conta, roupa, passava e lavava. Ela precisava de uma de uma blusa, de uma camiseta de noite e ela não achava, sabe que jeito ela fazia? Cadê a camisa assim, porque só você coloca a mão na minha roupa. Um dia eu falei pra ela “você tá pensando que eu trouxe essa camiseta para mim? Quer dizer que ela não estava confiando em mim. Pelo amor de Deus, era tudo muito difícil. Mas ainda é desse jeito. **A senhora acha que ainda tem essas pessoas?** Ah tem, tem sim! **E quando a senhora ia para o centro, geralmente você ia fazer o quê?** Era uma festa que tinha lá, a gente gostava demais e eu era mocinha nova ainda. **Era uma festa específico ou era várias festas?** Tinha bastante festa nessa época. Agora eles pararam. Lá na igreja da Aparecida, era em todo lugar! **Geralmente as festas eram ligadas as igrejas?** Eram. **Que bacana! E dona Vicentina, a gente ficou sabendo que em frente à Igreja Matriz tinha uma outra igreja. Já ouviu falar disso?** Não, não ouvi. E o Clube XV, a senhora chegou a frequentar? Nossa que isso?! Pulei carnaval demais lá, era bom demais. **Conta um pouquinho para a gente. Você lembra do operário? Pois é, tinha o operário também que era uma beleza. E onde era o operário?** Era onde é o supermercado São Paulo. O carnaval ali era a melhor coisa do mundo. **E foi acabando?** Foi acabando tudo. **A senhora acha que a juventude de hoje em dia, sabe aproveitar as festas?** Pelo jeito que eu estou vendo não está sabendo muito não. Porque no meu tempo quando eu era moça, a gente ia para o carnaval, para os bailes. E agora não, quando os jovens saem eles chegam tudo tonto e caindo. Então o que eles aproveitam? Mas não é verdade? É uai. E nós aproveitávamos muito, porque nós íamos com a ideia boa e voltávamos com a ideia boa. **Com quantos anos você teve seu primeiro filho?** Com 18 anos. **E aqui no Santos Reis além das festas da Congado tinha mais alguma festa assim que o pessoal se reunia?** Antes de eu vim embora para Alfenas, que eu estava morando com meus pais na roça, meu marido contava que tinha muito baile de forró. Todo sábado! Cada dia em uma casa aqui nesse lugar. **E dava vontade de participar?** Sim, forró eu gostei demais da conta. Só que eu nunca mais fui depois que eu me casei. Fui tendo as crianças e tinha tempo que eu não tinha serviço aqui na cidade, então eu ia para a roça, capinava tudo. A gente ficava muito cansados. Não dava nem gosto de sair. Depois esse filho meu que se casou e morreu, morava aqui nessa casa, a esposa dele se separou dele e deixou os quatro filhos. Quem olhou? Porque ele precisava trabalhar. Fui eu. Eu criei todos. Agora tenho até bisneto. **E dona**

Vicentina, aqui mais para frente, a gente tem o Jardim Aeroporto. O bairro Aeroporto sempre esteve aqui ou Santos Reis veio primeiro aqui? Isso aqui era só um pasto quando eu vim para cá, não tinha nenhuma casa. Era só um pasto que você olhava assim e a vista era só um pasto. Depois, olha para você ver, uma cidade. Tem o Aeroporto aqui, tem o outro do lado de lá. Lá do outro lado tem um condomínio também muito bacana, né? **Você conhece?** Eu passei lá na porta, eu vejo sim. **Você faz caminhada?** Faço, eu e minha irmã. A gente passa por lá, mas não entra porque não pode né? A gente passa só lá no portão e dá uma olhada lá. Nossa lá é bonito, viu? **E quando esses condomínios chegaram por aqui, mudou alguma coisa no bairro? No Santos Reis? Com a chegada do dos condomínios, do aeroporto em si.** Não mudou nada, parece que está do mesmo jeito. O pessoal daqui foi para trabalhar para lá? É, foi, porque essas casas assim é tudo firma que já pega. O meu filho trabalha numa firma já faz bastante tempo. Ele estava lá naquele condomínio agora. Agora colocaram ele naquele prédio lá.. **E dona Vicentina, a senhora disse que nem sempre essas casas foram assim né? A senhora falou que no começo era tudo de sapé.** Não, a casa que eu morei quando me casei era feita de pau-a-pique. Você sabe o que é pau-a-pique? **Não sei, dona Vicentina.** Pau-a-pique, ao invés de colocar o tijolo colocava os paus, aí ia colocando o barro e ia virando uma casa. Era a coisa mais difícil do mundo, gente. Porque fazia e rebocava as paredes, colocava as telhas, o fogão era de lenha, tinha que carregar lenha na cabeça lá do meio do pasto que não tinha casa nenhuma. Aqui embaixo, virando essa rua aqui não tinha nada. Era só um buraco assim. A gente virava um buraco e saía lá em cima. Com o pé cheio de barro. E ali tinha um barro, um barro meio amarelado, bonito sabe? Toda sexta-feira de tarde a gente ia lá e colocava dentro da bacia para rebocar a parede do fogão, porque as cinzas faziam ficar muito preto as coisas. Aí a gente ia rebocando o chão de uma vez. Eu achava tão bom aquilo. Naquele tempo, no modo de dizer, eu era feliz e não sabia, porque não tinha dor em lugar nenhum, agora tenho na coluna, se esbarra não aguenta de dor no braço, não tem dó uai. Nossa! **Vai mudando tudo né, Dona Vicentina?!** Vai mudando tudo. **E aqui no bairro aqui, essas casas de pau-a-pique, elas foram demolidas? O povo começou a construir em cima delas? Como que foi?** Aí essa casa que eu fiz, teve um dia que eu acordei com o Miguel falando “nossa essa casa está estalando”. Falei que estava ficando doido. Coitado, aí ele se sentou na cama e falou para a gente dormir que ele vigiava. E não é que caiu mesmo? Mas não caiu a casa, caiu foi a parede. Quando foi de Madrugada, a parede montou para cima. Graças a Deus, foi do lado de lá! A minha cama estava para cá. Ah não menino, vou te falar, viu? Aí passei morar com a minha mãe uns tempos. Passou uns tempos, o Miguel falou para irmos morar na roça. Nós fomos. Lá

nós fomos pelejando e acabamos construindo uma casinha aqui, direitinho, essa casa, de tijolo, tudo certinho, mas aí depois a prefeitura também entrou ajudando todo mundo e aumentou minha casa. **Quando a senhora chegou ir para a roça, onde vocês moravam era de vocês?** Não era minha não. **Vamos aproveitar dona. E dona Vicentina, a senhora lembra quando a Saliba veio pra Alfenas? Mudou muito a cidade quando ela chegou?** Lembro! A mudou muito, porque o tanto de emprego que ela deu para o povo né? **A senhora chegou a trabalhar lá?** Cheguei. Trabalhei lá. Eu parei de trabalhar lá para me casar. **Nós vimos uma foto que só tinha mulheres que trabalhavam lá. Tinha algum setor que empregava só mulher? Como funcionava o serviço lá dentro?** Lá tinha vários, era na espuladeira, nos teares, depois que passei para urdideira. **O que é isso, espuladeira?** É porque quando vai fazer os panos tem as tramas com a linha, aí a gente enchia só aquilo só com a tramas. **E tinha alguma justificativa para só as mulheres fazer esse trabalho?** Na espuladeira não tinha homem não, só mulher que trabalhava. Mas tinha bastante homem no tear. Era bom. **Aí foi crescendo a empresa?** Foi. Eu saí para me casar, mas durou muito tempo ainda, porque minha filha trabalhou lá. **Foi chegando mais coisa pra Alfenas também?** Foi, aqui ficou muito bom! Não tinha nada. **E o que chegou aqui em Alfenas que a senhora vê que é uma coisa boa, positiva?** Para mim foi a luz. A gente não tinha luz, era só uma lamparina. Banho? Banho era na bacia, tem cabimento? Era muito sofrido! **E quando chegou luz aqui, tinha luz lá no centro?** Já. **Veio muito tempo depois a luz para cá. Logo veio. A gente quer voltar um pouco no assunto da igreja, se a senhora me permite. A senhora disse que não tem tanta missa como tinha antes e, tem só dois padres que precisam se reverter em três igrejas. E o pessoal daqui eles ficam tranquilos com isso? Eles ficam de boa ou reclamam de ter pouca missa?** Eles aqui não esquentam muito a cabeça isso não. Não que é que a gente está falando mal não, é que a gente vai lá e se tiver é três ou quatro pessoas daqui do Bairro. O pessoal não é de ir à missa. Não sei o que eles pensam. A turma que mais vem aqui na missa é do Jardim Aeroporto. Mas aqui do bairro mesmo não vai quase ninguém mais não. **O que senhora acha que mudou que eles não vão mais, dona Vicentina?** Eu não sei, eu fico quebrando a cabeça também. Por que será? **Foi de uma hora para outra?** É para eles, eles não estão nem aí se tem missa ou não. E na Matriz é longe para gente ir. **E tem ônibus aqui, passa ônibus direto aqui no bairro ou não?** Passa. Assim aos domingos é só até as 17:00, 17:30, a noite não tem mais não. Porque não tem ninguém dentro, acho que eles fizeram um acordo. Aqui é mais dia de semana mesmo. Tem dia que a gente pega o circular e não tem jeito de se sentar. Tá lotada! **Quando vem do aeroporto?** É! **Mais ou menos que horário está lotado? A senhora consegue dizer mais ou menos? Até**

as 14:30 é mais ou menos. Agora 15:30/16:30, Deus me livre! Muito complicado. **Dona Vicentina, para gente já ir encerrando, e seus sonhos em relação ao bairro? De mudança, alguma coisa que a senhora quer para cá?** Ah, você sabe que eu não tenho sonho não? Está bom desse jeito assim. Eu acho. **Alguma crítica? Alguma coisa que a senhora acha que boa aqui?** Ah, porque a única coisa que não tinha era circular. A gente só andava a pé. Aí um dia não sei o que teve ali na porta da igreja que se tinha alguma coisa para reclamar era para falar. A primeira coisa que eu falei foi da circular, que não tinha para levar nós lá para cima. Não demorou nada, eles fizeram isso! Minha voz... **É sua voz é potente!** Porque aqui, olha para você ver, já tem a padaria aqui embaixo, tem outra ali, a mercearia está ali, já tem tudo. **O posto de saúde também é aqui perto?** Tem! É aqui embaixo. Só que os postos de saúde, não sei se é só aqui, deve ser assim em todo lugar. Depois que você está quase morrendo que... não adianta uai. Esses dias chegou uma consulta para mim e eu não estava sabendo disso. Porque a gente deixa um retorno lá, mas já fazia muito mais de 1 ano. Eu falei que agora nessa eleição, nós vamos rasgar o pano. Porque se vai lá hoje, doente, eles marcam para você semana que vem. Mas se você está doente hoje, tem que ser hoje. Eu acho assim. Não, mas aí tem que deixar lá, para marcar. Isso não é só aqui não. Na Secretaria de Saúde também está uma tristeza. Na Secretaria eu estou com um pedido para fazer não é de hoje. Eu só não paguei sabe por quê? Porque eu fui pensar 1.200 contos. Pensei onde que eu vou arrancar isso, sabe? Eu tenho que deixar o papel aí mesmo. Porque parece que é quatro exames num só. Está lá o papel. Agora pensa bem, quanto tempo que faz isso? **Dona Vicentina, tem um córrego que passa ali embaixo. Como que ele era antes da prefeitura mexer?** Uma pinguela. Sabe o que é pinguela? **Não.** Ai meu Deus do céu. Era uma pinguela, o ribeirão passava assim e tinha um pau assim e o outro em pé, aí segurava nele para passar para lá. passava. Se escorregasse ia para dentro d'água. Era desse jeito. Depois as coisas foram melhorando. Nossa melhorou muito essa parte da cá, demais da conta. **E foi a prefeitura ou os moradores que ajudaram a melhorar?** Foi a prefeitura que fez tudo. Isso é bom! **E tem aquela fonte onde vocês pegam água ali embaixo.** É a mina. Aí fizeram a análise e deu que a água é ótima. É boa demais! E tinha só um caninho daquele ali, agora colocaram mais e tem três. Porque tem hora que vai lá, cansa. Volta para trás com a vasilha. Muita gente! Esses dias estava faltando água na cidade, vocês precisam ver como que ficou aquilo ali. Nossa senhora! Então isso aí é uma beleza. Do lado de lá também tinha uma mina e tanto. Uma beleza! Mas essas não mexeram mais não, até abandonou para lá. **Dona Vicentina, tem alguma coisa que a gente não perguntou e que a senhora gostaria de falar alguma coisa que a senhora lembra que a senhora gostaria de deixar registrado?**

Não. A única coisa que nós tínhamos levantado era o asfalto, era a luz. Foi tudo agora, graças a Deus! A água dentro de casa tudo, direitinho e não tinha nada disso aí! Mas agora está tudo perfeito. **A gente pode encerrar a entrevista? Para a senhora tudo bem?** Você não quer perguntar mais nada não, se quiser por mim tudo bem. **Eu quero! Ali em cima tem uma academia ao ar livre. E eu percebi que não é muito bem cuidado igual ao aeroporto? O que você acha disso?** Sabe o que acontece aqui? Nesse lugar não para nada, ele era cuidadinho. As crianças acabam com tudo aquilo ali. Eu ia com os meus netos, aí nós ficávamos muito tempo ali, mas agora não dá mais. Antigamente, na porta da igreja tinha banco, essas coisas. Cadê? Não tem nenhum. Quebraram. Aí desanima mesmo, não deixa parar nada. **Quem capinava lá? A prefeitura. Mas por que será que parou?** De certo desanimou, quebraram tudo. **Mas lá quebrou? Parece que está tudo certinho.** Não tem alguns que não estão perfeitos mais não. **Muito diferente do que era antes? As brincadeiras de hoje? As crianças de hoje?** Ah não, toda vida as crianças foram danadas mesmo.

Entrevistado 3: Ênio, 72 anos, - aposentado. Não permitiu a gravação da entrevista, desta forma, os dados a seguir foram as anotações realizadas durante:

Veio de Itaci para Alfenas devido as “Águas de Furnas”, que invadiu a propriedade da família em 1962, que plantava arroz. Quando chegou trabalhou de servente de pedreiro e em posto de gasolina. Bairro Santos Reis: Melhorou muito com a reforma das casas, construção e doação de terrenos. Prefeitura sempre ajuda nas festas arrumando barracas. O posto de saúde é bom. Sempre que pode ajudar o pessoal do bairro com carona. Não precisa melhoras nada no bairro, está bom. Acredita que o Jardim Aeroporto é muito bom para o bairro, pois gera emprego. No caso, quando ele era mais novo, sempre arrumava terreno para capinar lá.

Entrevistada 4: Roseli Lourenço, 58 anos – aposentada.

Roseli conta um pouco de como era antigamente quando você era mais jovem, como era o bairro. Toda a vida foi um um bairro muito tranquilo, bom. Teve muitas atrações no bairro, que foi a Companhia de Reis, que tinha Congado, na época do Jorge Lourenço, que era irmão do meu pai que é o *João do Zardo Lourenço*. É um bairro até hoje tranquilo. Apesar do tempo que se passou continua um bairro muito tranquilo. É um dos bairros mais antigos. Pessoal sempre tá visitando a Igreja de Santo Reis, é um dos bairros melhor que tem. Não vou falar que é... 100% maravilha ,não é, mas é um dos bairros melhores que tem em Alfenas. **O que que**

você acha que torna o bairro tão bom assim? As pessoas igreja s, as gerações dos Maciel e Lourenço que foi uma das famílias mais antigas que teve. Depois que veio as outras pessoas quando o bairro era menor que aí as famílias foi crescendo foi aumentando e que foi ficar melhor o bairro. Porque antigamente era uma coisa muito simplesinha, agora é para falar que um bairro melhor que tem aqui. **Na sua época, já tinha asfalto, tinha água encanada?** Não, não tinha água encanada, não tinha asfalto. Era um bairro até gostoso demais porque era um bairro assim simplesinho, de estrada de terra, rua de terra. Depois ao longo de passado o tempo que teve asfalto. **Você chegou a morar na casa de sapé?** Não, nessa época não morava porque ainda não morava nesse nesse bairro. Meu pai com a minha mãe foi criado nas roças. Aí depois que nós veio para cá, mas foi bem quase no comecinho ainda da mocidade da minha mãe com meu pai porque minha mãe com meu pai foram criados e nascido aqui. Quer dizer, namoraram, foi tudo assim tudo nesse bairro desde quando nasceu, minha mãe e meu pai foi desse bairro. **Em quantos irmãos vocês são?** 10. Seis mulheres e aquela época tinha muito não tinha como prevenir, como diz a minha mãe. **Vocês conseguiam ter acesso à saúde, tipo postinho, hospital, escola?** Escola mesmo a gente estudava até terceiro e quarto, depois não tinha esse meio de estudar mais porque a nossa mãe tirava a gente da escola para trabalhar, pra por o que comer dentro de casa, para ajudar. Porque era uma pobreza muito grande, hoje não. Hoje a gente fala que nós estamos no céu. Os filho da gente sai, trabalha e tem meio para tudo isso. O que nós não teve no passado os filhos da gente agora tem. E eu mesmo tenho duas meninas que é enfermeira, essa aqui se formou, a outra faz mais de 10 anos é enfermeira lá no Alziro Velano. **A escola era aqui no bairro?** No começo, tinha uma escolinha onde é o CAPES, mas também não durou muito tempo porque era pouca criança e o povo não sabia administrar a escola para crianças. Teve uma escolinha muito pequena, mas teve. **Depois vocês tinham que estudar no Coronel?** Tinha que estudar no Coronel e no Dirce, que era mais perto. **O que você achava da situação do centro, a região da Igreja Matriz ter asfalto, luz, mas aqui não?** Aqui ainda demorou bem a chegar porque as pessoas contam que esse foi o primeiro bairro. Porque a Igreja dos Santos Reis não era aquela igreja, porque se fosse a primeira mesmo, histórica, ia ser a mais famosa do Brasil, mas infelizmente... É famosa por causa da Companhia de Reis. Para nós é famosa, é um símbolo do bairro. Mas antigamente eram casinhas tristes, casas que eles falavam que era de pau a pique, casinha de sapé, antigamente no comecinho do bairro. **Você já sentiu algum tipo de preconceito por você morar aqui no bairro e depois você ir para algum outro lugar?** Para falar a verdade eu nunca saí desse barco, minha mãe, minha família desde quando foi fundado que nós nascemos nós nunca saímos. **Você trabalhava com o quê quando**

você era mais nova? Eu trabalhei até aposentar, eu ralei muito de empregada doméstico na casa dos outros, eu e minhas irmãs. Eu tô com 58 anos, e trabalhei tanto que já fazem 9 anos que eu aposentei pelo tempo de serviço que eu tenho. Mas porque foi pela educação da minha mãe. **Mas o que que você achava quando você olhava lá para cima lá e estava cheio de luz e aqui não?** A luz aqui no bairro demorou muito tempo para chegar porque era só o centro, olhava nesses pedaços aqui, naquele lado era só pasto, mato e não tinha casa. Quando meu pai comprou aqui não existia essa rua, existia só um pedaço porque desse lado aqui e daquele lado ali até a casa da minha prima era tudo meu pai. Na época do Beg que abriu essa rua que a gente teve que vender. **Ouvi um morador dizer que na época do Beg o bairro foi melhorando, você concorda?** Mas foi na época dele mesmo, porque não tinha essa rua. Esse pedaço aqui era tudo do meu pai, ali na esquina da padaria ali, tinha uma mina que era a coisa mais linda do mundo que era do meu pai na época. Depois abriu a rua e fechou tudo e fez essas casas aqui, mas o mandato do Beg foi um dos melhores. Bag, o Luizinho. O Luizinho também não meter o pau nele, para o nosso bairro aqui ele fez muita coisa, muita coisa. Foi um dos melhores, Luizinho e o Beg. **O que você acha que ele fez que melhorou o bairro?** O Beg na época ele ajudou muitas pessoas assim pobre. Tipo assim, uma reforma da casa, é o que o Luizinho fez, o Luizinho não, o governo do estado. O Beg fez mais do que o Luizinho.

Você lavava roupa na mina? Lavava, nossa. Minha mãe lavava roupa, era muita gente. Igualzinho aquela mina ali que o pessoal vem buscar água aqui no nosso pedaço. Aqui tem muita mina, essa senhora tava conversando com nós, mora aqui do meu lado, ela fez casa porque o pessoal vai destruindo e vai fazendo a casa em cima da mina. O bairro é muito rico. Graças a Deus. **Você falou que trabalhou como empregada doméstica, foi no Jardim Aeroporto?** Tudo quanto lugar que você imaginar, um bom tempo trabalhava aqui no aeroporto, no centro também trabalhei, aí depois fui trabalhar lá atrás do imesa, lá eu trabalhei até aposentar. Eu parei de trabalhar para cuidar da minha mãe com meu pai, agora cuido só da minha mãe. **Você tem contato, amizade com alguém do Residencial Floresta?** Não, mas conheço muitas meninas que trabalham lá. **Você acha que os bairros vizinhos ajudam nessa questão de gerar emprego?** Ajuda, porque as meninas, as mocinhas que quer trabalhar não procura para lá para o lado da cidade, procura aqui que é mais fácil pra elas. **Você falou que agora tá tendo missa ali na igreja, mas antes não tava, era só consagração?** Não, sempre teve missa lá, só quando não tem padre...aí que não tem missa, mas todo sábado tem missa ali.

7 horas da noite? Cada tempo vai mudando o horário. Às vezes ficam um mês sem ter porque não tem padres, essas coisas de sempre. **Você acha que a folia de reis, que é tradicional aqui,**

uniu os moradores? Demais da conta , demais. É porque vocês não vem aqui no dia da Companhia de Reis, se você vir aqui na igreja filmar essas coisas você fica encantada pelas coisas que acontece no Dia do Santo. É missa cantada com a folia de Reis. É pela fé, a gente tem muita fé. A gente oferece café, tipo assim, você faz um pedido, você alcança aquela graça aí...você fala: se eu conseguir um emprego, você vai lá, pede para o santo, aí você alcança a graça e paga o almoço, jantar, café da manhã, essas coisas. **Eu lembro quando era criança é que eles passava na rua de casa e minha mãe pegava Bandeira e passava na casa.** Isso, a gente tem isso, quando você monta um presépio eles vêm, faz o verso para você na tua casa, canta agradecendo, essas coisas assim. Aqui no dia dos Santos Reis é muito bonito, tem missa, quando é dia assim tem três missas, de manhã, à tarde e à noite. **É o dia todo para quem quiser vir?** Sim, a igreja abre perto de 6 horas da manhã. **Você acha que as festas da folia de reis de antigamente eram mais animadas?**

Era, porque antigamente era aquela festa gostosa, que não tinha sol, não tinha nada, mas era gostosa. Agora no dia de hoje não, o que acontece, esse pessoal não sabe aproveitar. Sai briga, essas coisas, portanto nos dias de hoje a festa é até 1h da manha, meia-noite, ai encerra. Antigamente amanhecia a festa, fazia aquelas barraquinhas, aquelas coisas bem antiga mesmo e era mais tranquilo. **Você sabe como que foi para o pessoal ocupar o bairro? Eu vi que alguns moradores foram comprando os terrenos e foram distribuídos entre as famílias mesmo.** É, isso, igualzinho aqui mesmo. Aqui tem 9 pessoas que moram no pedaço, eu e minhas irmãs. O meu pai vendia um pouquinho pra um, pedacinho para outro, ai a família foi ficando tudo junto, tudo unido. **Então no bairro a maioria é da mesma família?** É, família Maciel e a família Lourenço, mais a família Lourenço que a família Maciel. A família Lourenço que começou o bairro. **E tem alguma coisa que você acha que precisa mudar no bairro?** Eu vou falar a verdade para você, eu estou satisfeita com meu bairro. Eu tô satisfeita. Tem algumas desavenças de vez em quando. No postinho de vez em quando entre algum médico esquisito, meio atrapalhado, a gente vai e reclama e já logo sai. **Vocês são escutados aqui então?** Sim. Aí a única coisa que precisava para nós no postinho era só um dentista mesmo, mas apesar que já tinha vários dentistas aí mas à noite não funciona e as pessoas precisava mais à noite, então não tinha muito movimento. Aí a gente ia pedir pra pôr a noite, mas de noite é perigoso para eles. **Você acha que a falta de luz no bairro te prejudicou de estudar, de sair?** Naquela época lá as mães não importavam muito pra estudo, porque a gente foi muito criado no serviço, pegava serviço assim. Então quando estudava de noite as mães iam encontram com os filhos na metade do caminho. Prejudicar prejudicou pra muitas pessoas...Nós era daquela época de

televisão em preto e branco ainda, depois naquela época começou por luz, essas coisas assim, ai ficou mais diferente. **Vocês faziam compra onde? Eu vi que aqui não tem supermercado.** Era só o mercado central, tinha um tal de supermercado que chamava faixa azul, do Engel. Meu pai tinha mania de comprar de quilinho em quilinho para sustentar 10 filhos mas não foi fácil não. **O que você acha da paisagem do Bairro?** Nossa agora ta uma maravilha, antigamente você olhava e as casas estava todas caindo aos pedaços, as casas eram tristes, tudo velho, agora virou uma cidade para nós o bairro aqui. Uma maravilha. **Hoje não tem mais Congada?** Antigamente esse homem que morreu que é irmão do meu pai que chamava Jorge Lourenço tomava conta do Congado e da companhia de reis. portanto nos dias de hoje ainda existe a companhia dele, mas é outras pessoas que toma conta. Mas só que o Congado não, as pessoas não pegou aquele hábito de tomar conta então acabou o Congado dele, acabou tudo. **Você acha que isso prejudica a identidade do bairro?** Ah prejudica porque a gente fala sempre, " a aquela época do congado..." **E os jovens do bairro, você acha que eles entendem a importância dessa identidade?** Entende nada, capaz. **Mas não passa de tradição?** Algumas crianças que os pais, a família ensina. Agora que as mães não tá nem aí, pra eles quer ir vai, não quer não ta nem ai, mas pra alguns é mais importante. Tipo assim, um pai de família que ta na companhia de reis, ele leva seus... netinhos, seus meninos que gosta, aí eu acho que vai pegando o ritmo, que vai acompanhando. **O que você acha que tá faltando então para manter essa identidade cultural aqui?** As pessoas ser mais unidas. **É engraçado que você falou que a folia de reis unia as pessoas e agora não tem o Congada também, então...** O Congado não foi muito para frente assim porque as pessoas não interessou muito no Congado, as pessoas interessava mais na companhia de Reis. **Então talvez se as pessoas se interessassem mais pela Folia de Reis elas seriam mais unidas?** Ah, eu acho que é que seria mais bem mais bonito. O Congado tinha que ter moça também, os mocinho e essas mocinhas de hoje em dia não vai querer se por de fantasia e ficar dançando. **O que você deseja pro bairro daqui para frente?** Bom, eu estou satisfeita com meu bairro. Vamos ver se essa turminha de hoje vai dar valor no bairro que nós tem. Porque aqui é um dos melhor bairros que tá tendo. É um dos melhores, todo mundo fala. Espero que continua, que melhore mais ainda que tiver de melhorar. **Você conta pra gente um pouco sobre o Agita Bairro?** Foi para homenagear a família do Jorge Lourenço, no ano passado aqui no bairro. **Onde você frequentava para se divertir, para sair antigamente?** Para começar nem saia direito. Porque para namorar você tinha que arranjar um namorado e sentar aqui, porque antigamente era antigamente. Sempre a gente pra namorar era assim e era o horário, se for sair 7:30 8 horas 11 horas tem que estar dentro de casa, e ficava

no portão batendo papo com namorado pra ver. A criação de antigamente era mais rígida. **Você frequentava a praça?** Nós ia, mas a praça nossa também era assim, aí a mais velha tinha que prestar atenção na mais nova, ai se a mais velha arrumar uma paquera chegava em casa e apanhava porque a gente contava. **Vocês iam nos bailes de 15 de novembro?** Aqui tinha uns bailes naquela época que era...o Botequim, Rancho Alegre, tinha O Operário, mas era coisa assim que sempre tinha alguém te vigiando. **Pagava para entrar nesses lugares?** Pagava, mas era uma mixaria, quase morria de tanto trabalhar para juntar aquele dinheiro. **Você lembra de algum evento que aconteceu no bairro ou em Alfenas que te marcou muito?** Na época vinha aqueles cantores antigos tipo Leonardo e Zé Rico, Chitãozinho e Xororó. Tinha exposição aqui lá perto de onde é o velório do carneiro. Aqueles cantor antigos no começo da carreira deles, mas do contrário não saía. Era longe, de vez em quando a gente saía mais cedo e ia a pé pro show. Veio muitas vezes Sérgio Reis. **Assim como a luz e a água demoraram a chegar aqui no bairro, teve também a questão do ônibus, não tinha antes o ônibus?** Nossa não tinha ônibus, eu acho que não faz tanto tempo que chegou. Agora que os bairros aumentou, foi aumentando e aumentando que teve assim diário. Nós subia esse morro, a minha mãe na época lavou roupa muito tempo pro Beg. A gente saía daqui dos Santos Reis e atravessava a praça com mala de roupa na cabeça. **Vocês lavavam na mina?** Lavava na mina, não tinha água encanada dentro de casa. Ele morava la perto do Igreja Aparecida e a gente subia o morro. Às vezes encontrava com um engraçadinho na rua, nós ficava com aquela mala na cabeça e eles ainda jogava a mala da gente no chão. **Quando vocês vieram da roça, teve algum motivo, buscar uma vida melhor?** Meu pai trabalhava na roça do Engel, muitos anos na mocidade deles. Depois meu pai teve problema no coração, aí ele teve que vir para cidade. Aí teve que fazer cateterismo naquela época. Meu pai não tinha dinheiro, aí com o acerto da Fazenda foi aonde que ele comprou esse pedaço aqui que era um pasto. Aí na época que o Beg foi abrir a rua, há anos atrás, com o dinheiro que foi vendendo os pedaços ele usou pra cuidar da saúde, dos filhos. E ainda Deus foi tão bom com meu pai que ele deixou essas casas, porque nós somos em 10 irmãos, só dois que não tem casa, mas tem pedaços. **Na roça ele apanhava café?** Ah, ele era caseiro, fazia de tudo.

Entrevistado 5: Valdevino Geraldo Frederico - 66 anos – trabalhador da Prefeitura de Alfenas.

Você poderia se apresentar, por gentileza? Geraldo: O meu nome é Valdevino Geraldo Frederico, tenho 66 anos. Sou nascido e criado no bairro São Reis. Até certa idade, depois fui para o Rio de Janeiro, depois trabalhei em São Paulo. Foi quando retornei para Alfenas de novo, porque a casa da gente, né? Tem coisa melhor você viver na cidade que você foi criado, onde tem bastante amigos e amigas? Eu resolvi voltar, e sou separado, tenho três filhos, sete netos e trabalho na prefeitura há 16 anos. Hoje, graças a Deus, também sou aposentado. Aposentei esse ano, sabe? Essa é minha vida! **O que motivou você sair de Alfenas?** Olha, foi em 1973, eu tinha 12 anos de idade. Na realidade eu perdi meus pais muito cedo. Um dia, eu estava muito muito debilitado, estava muito ruim mesmo. Daí chegou um amigo (eu devo até a minha vida a ele). Ele chegou e disse: “Rapaz, você sabe ler, sabe escrever, não é analfabeto, é inteligente. Vaza daqui! Aquilo lá me tocou, sabe? Tocou bastante. Eu pensei: “como é que eu vou sair daqui sem dinheiro?” Daí, eu comecei a catar café. Acabava a colheita de café, você ia buscar nas fazendas as *catas* de café que os fazendeiro dava para as pessoas. Aí eu comecei a catar café. Fui catando, catando e catando café... Quando chegou a meio saco de café, eu vendi. Deu para comprar a passagem para o Rio de Janeiro. Eu tinha 12 anos de idade, na época. No barracão onde eu trabalhava tinha muita gente. Tinha gente da Bahia, tinha gente de Pernambuco, de São Lourenço, gente de todo o lado. Tinha 750 pessoas trabalhando no barracão. E eu, criança, mas seja o que Deus quiser! Fiquei 8 meses trabalhando direto. Depois o patrão chegou para mim e disse: “Geraldo, graças a deus você está correspondendo, estamos muito felizes com você, mas você não pode ficar sem documento. Você tem que ir lá na sua cidade e buscar seus documentos.” Vim para Alfenas e as pessoas do bairro achando que eu já tinha morrido. Não tinham notícia de nada. Disse para o pessoal que vinha correr atrás dos meus documentos, que tinha 30 dias para isso. Articulei, peguei os documentos e tirei a carteira profissional, aí eu fui embora para o Rio, de novo.

Essa foi a época que me fixaram, trabalhei na firma por três anos. Mas não é fácil, não! **Teve alguma mudança no Santos Reis quando você retornou?** Geraldo: Ah, teve bastante. Nossa, quando a gente saiu daqui não tinha asfalto. Quando a gente retornou já tinha asfalto, água encanada... aí já era outro Santos Reis. Depois nós tivemos uma sorte muito grande de ter ganhado, de um cara que era super humano, que faleceu, eu era o Beg... ele deu uma estrutura muito boa nos Santos Reis. Foi um dos caras que asfaltou, que ajudou a chegar água até o local. Ele foi um dos prefeitos que ajudou o bairro Pinheirinho. Hoje o Pinheirinho é... aquele pedaço de Alfenas ali... Ele deu terreno para a turma fazer ali... muito bom. Ele foi um dos melhores prefeitos que a cidade de Alfenas já teve. O Beg ajudou muito nosso bairro. Nossa, aí depois

veio a turma do PT que já foiii engajando... foi chegando o PSF para lá, foi chegando o Cras lá também, foi chegando o transporte público que começou a transitar lá. Hoje nós estamos bem tranquilos, aqui no Santos Reis. Quando eu saí daqui, e depois voltei, nossa... aqui tá excelente foi. Depois teve uma um projeto do governo Lula, de ajudar a reformar as casas. Sabe, as casas lá eram muito simplórias, depois deu uma ajeitada e as casas

ficaram lindas, ficou muito bom. Foi um dinheiro que chegou na hora, o pessoal tá precisando.

Você lembra mais ou menos esse período? Geraldo: Foi em 1977 a 1982, o Beg, ele ficou três ou quatro mandatos dessa forma. Eu acho que foi nos prefeitos que mais teve mandato na prefeitura. Agora o PT foi na faixa de 2003 a 2009, foi essa data. Foi um dos melhores projetos que já teve! Eu não tenho casa no Santos Reis. Mas a minha mãe - vocês devem pensar que “essa cara ta doido”, porque sua mãe morreu, a tua mãe de criação também morreu -. Mas é minha mãe de leite, porque quando a minha mãe faleceu, ela saía de noite e me dava de mamar. Ela tinha um filho, que é meu irmão de criação, de mãe...ela ia dar mamar para mim. Então, hoje eu tô vivo graças a ela! Porque minha mãe morreu tinha três meses de idade. Ela tem 87 anos. Eu almoçava com ela, fazia questão de todo dia almoçar com ela... ela gostava de fazer comida. Mas só que hoje ela está muito doente, está muito trêmula. Daí o médico a proibiu de cozinhar, com medo dela sofrer algum acidente. Ela é tudo para mim, tudo para mim, tá louco! Eu não conhecia a mãe que me colocou no mundo, mas só de ter essa daqui... parece que Deus jogou essa pessoa na minha vida. Eu falo para todo mundo, que eu vou lá ver a minha mãe!

Fale sobre as festas que aconteciam nos Santos Reis. Olha foi um dos períodos mais bonitos que teve na cidade de Alfenas. Não é para me gabar, não, porque é o meu bairro. Na época, não tinha asfalto, era um barrão... chovia demais antigamente. Então a gente fica debaixo da figueira, era uma mãe, sabe? Ela era enorme! A figueira era uma mãe que acolhia todo mundo, porque começava a chover e o povo começa a correr para debaixo dela. Parecia até uma coisa de Deus. Chovia no bairro, e onde a gente tava não chovia, só uns pingos... Aquele barrão, aquela turma toda descalça...aquela

feira...aquelas companhia de reis, onde todo mundo fazia fila para cantar, com umas vestes mais bonitas que as outras.. umas pessoas chorando. E tinha aquelas barracas de folha de bananeiras. Nossa, era uma coisa extraordinária! Só a gente mesmo que viveu aquela época pode dizer como era aquela festa. Vinha gente de todo lugar, de Machado, de todo município...aquilo ali fervia de gente. E nós trabalhávamos de garçom, ajudava de garçom. O Jorge Lourenço, das festas que teve mais sucesso foi com ele. Ele era fora de série, um homem... ele falava com você e se bobear você chorava...ele começava a falar uns versos, mas

só se fosse com a sua cara. Se ele fosse com sua cara, fazia de tudo para você. Chegávamos na casa dele e era tudo do bom e do melhor. **Senhor Geraldo, fale sobre a prefeitura e seus projetos em relação ao Santos Reis.** Geraldo: Eu saí quatro vezes como candidato a vereador. Não consegui ganhar, porque brigar contra o sistema é difícil, sem dinheiro você não consegue. Eu já atingi 320 votos com 600\$. Teve até um prefeito de Serrania que queria saber como eu consegui esse milagre com 600 reais! Eu pensei, Graças a Deus tem um monte de gente que gosta de mim. Disso eu não posso me queixar, muita gente na cidade gosta de mim. Mas eu queria, sim, ganhar para vereador. Eu tenho um sonho muito grande de levantar essa festa do Santos Reis. Colocar projetos na prefeitura e, principalmente para essa época do ano ter uma verba específica. Porque não é só bebida, você precisa bancar as Folias de Reis que vem de fora...muitas Folias não vêm por motivos de falta de verba. A gente queria fazer uma coisa onde o bairro fosse uma potência. É complicado... são 16 anos que eu tô tentando! Eu faço um trabalho legal! Eu mexo com eventos. Na consciência negra do ano 2022 deu muita gente. A gente deu 1000 marmitas de feijoada. Muito samba, sabe? Muita coisa boa! Com palestra, trouxemos palestrantes de fora para falar do racismo. Eu também gosto muito de trabalhar essa parte. Acho que a discriminação é uma coisa que arrebenta com a gente! Eu já fui discriminado, minhas filhas foram discriminadas. Então essa coisa arrebenta com a alma da gente. Eu queria trabalhar dessa forma, ajudar. Eu sei que não vai acabar com o racismo, mas a gente tem que fazer alguma coisa. Se nós não fazemos alguma coisa frente ao racismo, vocês são iguais a eles. Os caras estão discriminando, e você

tá deixando. Você não faz nada! **Sobre a questão racial, quanto mais o bairro foi crescendo, você vê alguma mudança em relação com isso, com o crescimento ou não do racismo?**

Geraldo: Na realidade não melhorou e nem piorou. Na realidade só está jogando debaixo do tapete. Na época do Bolsonaro as coisas ficaram muito difíceis. Neto sendo chamado de macaco na escola, de trombadinha. Eu tenho uma sobrinha que recentemente foi chamada de macaquinha. Nunca acaba e nunca vai acabar! Eles só jogam debaixo de alguma coisa. Mas quando as coisas começam a mudar, jogam tudo em cima da gente de novo. **Você acredita que o bairro tem alguma influência nesse processo de discriminação?** Ajuda, por exemplo eu sou do Pinheirinho. Sou homem negro, mas eu sofri preconceito por morar no Pinheirinho e ir para o centro pessoal. **Eu queria que o senhor falasse um pouquinho Santos Reis desafios e potencialidades.** Você pode acreditar em quase ninguém fala então eu acho que o desafio do bairro levar o pessoal daqui do centro tá dentro da periferia com a cabeça diferente para fazer as duas coisas para ter uma um desafio legal. Senão as coisas corretas para eles, você entendeu?

O que realmente é a vida. Principalmente para essa criançada que tá longe que tava mexendo com droga que a gente todo bairro nessa o bairro que a gente mora, mas é uma coisa absurda que tá andando acontecendo, né?